

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS DO ENSINO
SUPERIOR
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS**

THALITA SODRE

**AS NEGOCIAÇÕES SINO-BRASILEIRAS NO CONTEXTO DA
GUERRA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA**

**RIO DE JANEIRO
2019**

THALITA SODRE

**AS NEGOCIAÇÕES SINO-BRASILEIRAS NO CONTEXTO DA
GUERRA COMERCIAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas do Ensino Superior (DELEA), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Alessandro Biazzi Couto

RIO DE JANEIRO

2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S679 Sodre, Thalita.

As negociações sino-brasileiras no contexto da guerra comercial entre Estados Unidos e China / Thalita Sodre – 2019.

47f. : il.color. grafs., tabs. ; enc.

Projeto Final (Graduação). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2019.

Bibliografia: f. 41-47.

Orientador: Alessando Biazzi Couto.

1. Relações internacionais. 2. Brasil – Relações – China. 3. China – Relações – Brasil. 4. Política internacional. I. Couto, Alessando Biazzi (Orient.). II. Título.

CDD 327

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes CRB-7/5281

RESUMO

SODRE, Thalita. **As negociações sino-brasileiras no contexto da guerra comercial entre Estados Unidos e China. 2019** 47 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

Esse trabalho tem como objetivo discutir os principais aspectos das negociações entre o Brasil e a China, no atual cenário de ascensão econômica do país asiático e de sua polarização comercial com os EUA nos últimos anos. A investigação destaca inicialmente as características centrais do modelo de desenvolvimento chinês e os possíveis desdobramentos de seu protagonismo mundial frente à hegemonia dos Estados Unidos. Nesse âmbito, analisam-se as causas e consequências da chamada Guerra Comercial entre a China e os EUA e as margens abertas para um país como o Brasil tirar proveito de suas relações com a China. O estudo resgata a longa trajetória histórica de relações sino-brasileiras e a importância do conhecimento intercultural para essa aproximação, considerando também o perfil negocial dos brasileiros. Conclui-se com a necessidade de segmentos econômicos e da sociedade brasileira de se prepararem antecipadamente e de forma especializada para lidar com a ascensão da China e expectativas frente ao incremento das relações sino-brasileiras no Século XXI.

Palavras-chave: Negociações Internacionais; China; Relações Brasil – China; Guerra Comercial China- Estados Unidos.

ABSTRACT

SODRE, Thalita. **Sino-Brazilian negotiations in the context of the US-China trade war.** 2019. 47 pages. Trabalho de Conclusão de Curso - Federal Center of Technological Education – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

This paper aims to discuss the main aspects of negotiations between Brazil and China, in the current scenario of economic growth of the Asian country and its trade competition with the US in recent years. The investigation initially highlights the central characteristics of the Chinese development model and the possible consequences of its global role in the face of US hegemony. In this context, we analyze the causes and consequences of the so-called China-US Trade War and the open margins for a country like Brazil to take advantage of its relations with China. The study recaptures the long historical trajectory of Sino-Brazilian relations and the importance of intercultural knowledge for these relations, also considering the Brazilian business profile. It concludes with the need for economic segments and Brazilian society to prepare in advance and in a specialized manner to deal with the rise of China and expectations regarding the increase of Sino-Brazilian relations in the 21st Century. Keywords: International Negotiations; China; Brazil - China Relations; China-United States Trade War

Keywords: International Negotiations; China; Brazil - China Relations; China-United States Trade War.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Crescimento do PIB chinês.....	10
Figura 2 - Porcentagem da população chinesa urbana e rural	13
Figura 3 - Investimentos chineses no exterior, 2009-2018 (US\$ bilhões), excetuando investimentos financeiros	14
Figura 4 - Exportações chinesas em 2016 - Gráfico feito pela autora a partir de uma análise da base de dados disponível no International Trade Center	17
Figura 5 - Exportações chinesas em 2016 - Gráfico feito pela autora a partir de uma análise da base de dados disponível no International Trade Center	17
Figura 6 – Análise por valor do fluxo dos investimentos anunciados e confirmados de empresas chinesas no Brasil	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Medidas tarifárias adotadas pelos dois países 19

Quadro 2 - Evolução do PIB da China e do Brasil (1970 – 2019) – Quadro feito pela autora a partir de uma análise de dados fornecidos pelo Ministério das Relações Exteriores..... 38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OS GIGANTES EM DISPUTA.....	16
2.1 O CENÁRIO DE POLARIZAÇÃO E SUAS CAUSAS	16
2.2 MEDIDAS, RETALIZAÇÕES E SUAS CONSEQUÊNCIAS	19
3 O PANORAMA DAS NEGOCIAÇÕES SINO-BRASILEIRAS.....	23
4 O ASPECTO INTERCULTURAL: NEGOCIANDO COM CHINESES.....	33
5 APONTAMENTOS FINAIS E EXPECTATIVAS PARA O RELACIONAMENTO..	38
6 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS	42

1. Introdução: A ascensão chinesa na economia mundial

O sistema-mundo moderno teve sua expansão histórica marcada pela constituição do comércio transatlântico e a própria invenção geopolítica de um “Novo Mundo” das Américas. Já no Século XX, marcado inicialmente pela continuidade do poderio ocidental, com os Estados Unidos enquanto herdeiro hegemônico do Sistema de Estados Europeus e da liderança do capitalismo mundial passou-se a identificar a região da Ásia-Pacífico como o possível centro de uma nova hegemonia mundial para o Século XXI.

Nesse sentido, destaca-se inicialmente o protagonismo do capitalismo japonês, devido ao seu crescimento econômico extraordinário no Pós-Segunda Guerra e no contexto da Terceira Revolução Industrial. Vale atentar para uma nova organização do trabalho, da produção e da gestão em escala global. Essas mudanças significativas estrearam os indícios de um mundo em que a telemática, a eletrônica e ciberespaço incidem com seu alto componente tecnológico, em uma nova forma de organizar a economia política mundial.¹

Sobretudo nos anos 70, com o estouro da crise do capitalismo ocidental, que as possibilidades de uma ascensão geopolítica do oriente adquirem uma importância significativa. As estruturas econômicas de base do capitalismo norte-americano e europeu estavam afetadas, dentre elas o ramo das finanças e o petrolífero.

Segundo Moisés Francisco Farah Júnior: “as dificuldades do capitalismo manifestam-se através de fenômenos como a estagflação (estagnação econômica com alta dos preços), a crise do petróleo, o significativo aumento das taxas de juros nos mercados financeiros internacionais, a instabilidade financeira.² Além disso, o autor reforça que a crise alterou a produtividade do trabalho e impôs “(...) a redução da capacidade financeira dos governos dos países centrais em manter o Welfare State”.³

Wallerstein⁴ prospecta ao final da década de 90 uma nova geopolítica mundial, com a possibilidade de haver uma competição acirrada entre o Japão e a União Europeia para ser

1 HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna** : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . 6 ed . São Paulo: Loyola, 1996.

2 FARAH JÚNIOR, Moisés Francisco. A Terceira Revolução Industrial e o Novo Paradigma Produtivo: Algumas Considerações sobre o Desenvolvimento Industrial Brasileiro nos Anos 90. **Revista da FAE**, Curitiba , v.3, n.2, maio/ago. 2000, p.47.

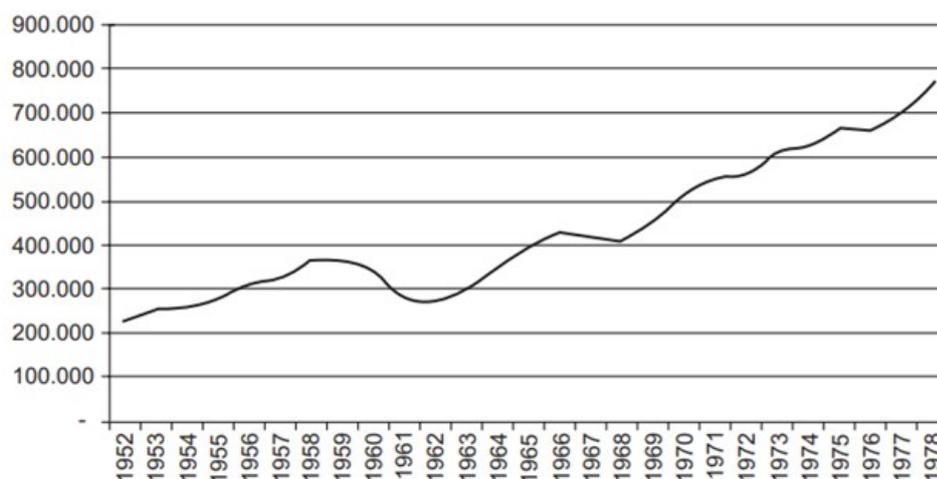
3 Ibid., p. 46.

4 WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **O fim do mundo como concebemos**: ciência social para o século XII. Tradução: Renato Aguiar. Revan, Rio de Janeiro, 2002, p. 320

o poder hegemônico sucessor dos Estados Unidos. O autor enxergava com ceticismo a inclusão da China nesse cenário, ao atestar ser "muito difícil dizer se nesse ponto a China seria capaz de tirar do Japão o papel hegemônico no interior da nova estrutura"⁵

Todavia, a República Popular da China também ganharia destaque nesse cenário. Apesar do isolamento do país nas relações exteriores e da alta intensidade de conflitos internos, a China liderada por Mao (1949 a 1976) consolidou a reforma, agrária. E, em um segundo momento, planejou-se como uma potência siderúrgica e industrializada, tendo a URSS como modelo a essa industrialização, ideal principal do plano quinquenal estabelecido para o período entre 1953 a 1957.⁶ Durante esse período, tanto se investiu nas indústrias mineradora, siderúrgica, metalúrgica e petroquímica, como cooperou para a modernização do campo. Outro fator importante a ser considerado é o crescimento do PIB,⁷ como pode ser observado no gráfico abaixo.

Figura 1: Crescimento do PIB chinês



Fonte: Elaboração própria com base em dados de Maddison e Wu (2007, p. 159).

Fonte: MILARÉ, Luís Felipe Lopes; DIEGUES, Antônio Carlos. Construções da Era Mao Tsé-Tung para a Industrialização Chinesa. **Rev. Econ. Contemp.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, mai-ago/2012, p. 371

5 Ibidem p. 80

6 BARBOSA, Mateus Ricardo Silva. I Plano Quinquenal e a ascensão da indústria na China. **Caravana 25 anos da ANPUH Pernambuco**: diálogos entre a pesquisa e o ensino. 02 a 05 de dezembro de 2015. Recife/PE. Disponível em:

<http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1461882313_ARQUIVO_01.BARBOSA.MateusRicardo.pdf>

Acesso em: 04 de dez. de 2019

7 Cabe ressaltar que esse conjunto de transformações econômicas nas primeiras décadas da China Comunista também foi permeado uma alta violência política, perdas humanas e impactos sociais, associados, por exemplo, ao período da “Revolução Cultural”, também liderada por Mao, a qual não cabe uma análise crítica específica nesse trabalho.

Segundo Milaré e Diegues, não se deve ignorar as iniciativas da primeira fase do desenvolvimento chinês, aceleradas com as reformas desenvolvidas pro Deng XiaoPing para capacitar o país para uma competição global. Além disso, reforça que “alicerçaram o sucesso da estratégia de industrialização do período subsequente (1978-2011)”.⁸ Os autores enfatizam também a importância do papel do Estado indutor de mercados, sendo a figura central no processo de direção da industrialização do país a centralização e o planejamento organizados pelo Partido Comunista Chinês.

A criação de um parque industrial de peso foi de extrema importância para que Deng Xiaoping estruturasse uma Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento.⁹ Dessa forma, as medidas tomadas a partir de 1978, quando assumiu a vice-presidência do PCC, foram destinadas a grandes investimentos. Ou seja, estruturava-se um plano direcionado a modernização em uma China onde maioria da população ainda residia em áreas agrícolas e os padrões de consumo eram reduzidos. Dentre os resultados, vale destacar a modernização do setor industrial para alavancar a China em uma posição competitiva na economia mundial e os investimentos em infraestrutura e educação.

A proposta era construir uma geração capacitada intelectualmente para viabilizar a ascensão chinesa. Assim, condicionou o acesso à universidade por meritocracia, possibilitando o ingresso através do exame, bem como investiu em intercâmbio científico. Dessa forma, os jovens chineses puderam estudar nas universidades mais requisitadas de todo o mundo, especializando-se para contribuir tecnicamente com o próprio país.

No sentido de progressiva abertura para o exterior, houve um movimento forte para migração para o leste, região que passou a ter incentivos consideráveis como, por exemplo, as reduções de impostos nas áreas aonde viriam a se estabelecer as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs). O objetivo era cooperar para a ocupação das áreas de cultivo, bem como possibilitar aberturas econômicas pontuais, indicando a postura do que viria a ser chamado de socialismo de mercado. De acordo com Moraes, as iniciativas prosseguiram com um alto gradualismo, pois havia um receita que uma “rápida abertura ao mercado externo pudessem

8 MILARÉ, Luís Felipe Lopes; DIEGUES, Antônio Carlos. Construções da Era Mao Tsé-Tung para a Industrialização Chinesa. *Rev. Econ. Contemp.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, mai-ago/2012, p. 361

9 *Ibid.*, p. 361.

causar elevado custo social, em termos de aumento do êxodo rural e do desemprego, sobretudo urbano”.¹⁰

O autor acrescenta que a construção estratégica dessas zonas tinha como objetivo “atrair o capital externo, expandir as exportações, receber novos aportes de tecnologia, absorver os métodos ocidentais de administração e gestão empresarial e se construir em importante mercado para os produtos produzidos nas demais regiões”¹¹

Com uma abertura econômica seletiva e direcionada por objetivos políticos, a China deu um salto qualitativo considerável na sua presença mundial. A mudança de paradigma inaugurou o que viria a ser uma nova política chinesa com a permanência do modelo político e ampla abertura do comércio exterior e para investimentos estratégicos. Assim, as parcerias público-privadas, com forte papel das empresas estatais, inauguram um período de facilidade na importação de máquinas e equipamentos que viriam a ser utilizadas para o desenvolvimento da indústria nacional, equipando-a e preparando-a para a competição mundial.

Segundo Guimarães, esse projeto possibilitou o acesso a capital e tecnologia estrangeiros, sendo cruciais para a ascensão do país nessa primeira etapa do desenvolvimento. Além disso, acrescenta que “ambas as políticas ajudaram a China a driblar os constrangimentos do balanço de pagamentos, ao mesmo tempo em que promoviam o crescimento da demanda e do PIB.”¹² Devido à facilidade de acesso a capital e uma alta disponibilidade de mão de obra barata, se tornou fácil produzir na China. Por esse motivo, vários países enviaram as suas indústrias para o país, inclusive os Estados Unidos. Por um longo período, o *Made in China* foi tido como duvidoso, de baixo padrão competitivo ou sinônimo de pouca qualidade. Segundo Arbix, Toledo e Zancul, essa era uma imagem que se propagou pelo mundo e fez a China ter a cara de “celeiro da indústria da cópia barata e da mão de obra abundante e pouco qualificada”.¹³

Nonnenberg destaca:

10 MORAES, Antônio Luiz Machado de. **Liberação econômica da China e sua importância para as exportações do agronegócio brasileiro**. Embrapa, Brasília, 2004. p.20

11 Ibidem p.21

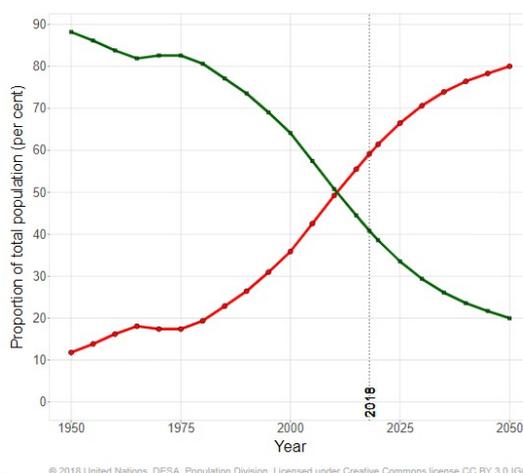
12 QUEIROZ GUIMARÃES, Alexandre. **A Economia Política do Modelo Econômico Chinês: O Estado, o mercado e os principais desafios**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba v. 20, n. 44, nov. 2012, p. 105

13 ARBIX, Glauco; MIRANDA, Zil; TOLEDO, Demétrio; ZANCUL, Eduardo. **Made in China 2025 e Indústria 4.0**, A difícil transição chinesa do catching up à economia puxada pela inovação. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v.30, n.3 p. 146

“É preciso lembrar que a China, ao longo das três últimas décadas, vem buscando aumentar sua capacitação tecnológica das formas mais variadas. Tudo isso contribuiu para uma alteração na estrutura produtiva, que vem possibilitando o avanço da indústria chinesa ao longo da cadeia de valor, aumentando cada vez mais o valor agregado e o conteúdo tecnológico de suas exportações.”¹⁴

E ainda acrescenta “Tudo isso contribuiu para uma alteração na estrutura produtiva, que vem possibilitando o avanço da indústria chinesa ao longo da cadeia de valor, aumentando cada vez mais o valor agregado e o conteúdo tecnológico de suas exportações.”¹⁵ A lógica se inverteu com a incorporação das grandes mudanças, o que colocou o país de regime comunista no jogo da competição capitalista por mercados e expansão mesmo fora da Ásia-Pacífico. O crescimento urbano supera o rural e hoje, o país que é detentor das maiores cidades do mundo¹⁶, expandindo o seu comércio exterior a níveis significativos.¹⁷

Figura 2: Porcentagem da população chinesa urbana e rural



Fonte WORLD URBANIZATION PROSPECTS 2018. **United Nations, Department of Economic and Social Affairs**, Population Division (2018). World Urbanization Prospects: The 2018 Revision. Disponível em: <<https://population.un.org/wup/Country-Profiles/>> acesso em 15 de out. de 2019.

14 NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118) abril-junho/2010 Revista de Economia Política 30 (2), 2010 p. 210

15 NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118) abril-junho/2010 Revista de Economia Política 30 (2), 2010 p. 210

16 Das 30 cidades mais populosas do mundo, 8 são chinesas. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_cidades_mais_populosas_do_mundo> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

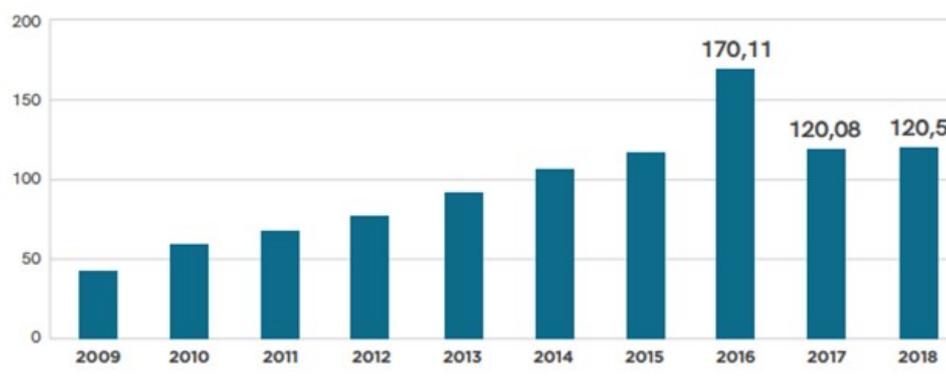
17 NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118) abril-junho/2010 Revista de Economia Política 30 (2), 2010 p. 201-218

De acordo com os autores,

“(…) atualmente, a China começa a disputar a liderança em tecnologias da informação e comunicação (as gigantes Huawei, Xiaomi e zte estão entre as maiores empresas do setor), trens de alta velocidade (China South Locomotive e Rolling Stock), energias renováveis (Trina Solar e Yin-gli Green Energy), energia solar e eólica (Goldwind, United Power e Ming Yang) e supercomputadores (com tecnologia 100% chinesa, o TaihuLight, da empresa Sunway Systems, está no topo da lista de computadores mais rápidos do mundo).”¹⁸

Seguindo a o modelo de crescimento chinês, o investimento direto do país se intensificou em 2016. Dos 170,11 bilhões de dólares direcionados a economia global, pelo menos 94,2 bilhões foram destinados às economias dos Estados Unidos e Europa.¹⁹ De acordo com Michael F. DeFranco, presidente Global de M&A e chefe global de fusões e aquisições da Baker McKenzie., “mais da metade de todo o investimento chinês na Europa e na América do Norte desde 2000 ocorreu nos últimos três anos, marcando a contínua influência da globalização e o rápido desenvolvimento da economia da China.”²⁰

Figura 3: Investimentos chineses no exterior, 2009-2018 (US\$ bilhões), excetuando investimentos financeiros



Fonte: CARIELLO, Tulio. **INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL 2018**: O quadro brasileiro em perspectiva global. Conselho Empresarial Brasil-China.(p.19) Disponível em: < <https://ecoa.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Investimentos-chineses-no-Brasil-2018.pdf>> Acesso em 27 de out. de 2019.

18 ARBIX, Glauco; MIRANDA, Zil; TOLEDO, Demétrio; ZANCUL, Eduardo. **Made in China 2025 e Industria 4.0**, A difícil transição chinesa do catching up à economia puxada pela inovação. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v.30, n.3 p. 146

19 Negócios Chineses, EUA e Europa. Publicado em 27 de mar. de 2017. Disponível em: <<https://www.chinabusinessreview.com/chinese-investment-tripled-in-us-in-2016-doubled-in-europe/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

20 Negócios Chineses, tabelas. Disponível em: <<http://www.chinabusinessreview.com/wpcontent/uploads/2017/03/chinese-fdi.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019. Tradução nossa.

A China está no centro das disputas comerciais, tecnológicas financeiras internacionais e compete lado a lado em vários segmentos com os Estados Unidos, o gigante do capitalismo no século XX. As duas maiores economias do sistema internacional estão em uma briga que especialistas nomearam de “Guerra Comercial” e que muitos consideram nesse processo a emergência de uma nova espécie de Guerra Fria²¹.

Mas, os efeitos não são necessariamente prejudiciais para as partes envolvidas direta ou indiretamente. Existem forças sociais que podem se beneficiar com essa polarização no plano internacional e a ampliação das margens de atuação, por exemplo, de segmentos da economia e da sociedade brasileira para lidar com essas transformações. No entanto, é necessário compreender essa conjuntura para posicionar-se e de modo a colher os melhores frutos das possíveis oportunidades instauradas pelo cenário econômico da atualidade.

Tendo como premissa a existência de desafios e oportunidades para empresas brasileiras que negociam com China, o presente trabalho tem como objetivo analisar cenário econômico mencionado, levantando um breve panorama de como se deram as negociações sino-brasileiras desde seu florescimento até a atualidade. Apresentando a interculturalidade existente nesse relacionamento, espera-se contribuir com melhores coordenadas para se estabelecer um processo de negociação satisfatório e bem-sucedido. Como horizonte da investigação, identificam-se pontos estratégicos e algumas oportunidades oferecidas pela ascensão chinesa na economia mundial.

2. Os gigantes em disputa

2.1 O cenário de polarização EUA-China e suas causas

Defronta-se na atualidade com uma “Guerra Comercial” entre os gigantes do comércio internacional, tendo como marco a ação dos EUA no mês de março de 2018, com as medidas tomadas por meio da Seção 232²² que, segundo Ribeiro “permite a aplicação

21 KOCHER, Bernardo. A “Doutrina Trump” e a guerra comercial global. **Jornal dos Economistas**, N°350 Outubro de 2018 p.3 Disponível em: <<https://www.coreconrj.org.br/anexos/E8C645326A2DA3F5638B4D07357FBBCA.pdf>> Acesso em 04 de dez. de 2019

22 A Seção 232 da Lei de Expansão Comercial de 1962 estabeleceu a imposição de tarifas sobre as importações que nutrem uma ameaça a segurança nacional dos EUA. Fonte: Consertando as leis americanas da bolsa de valores. Publicado em 22 de maio de 2019. Disponível em:

de restrições às importações quando estas estão ocorrendo ‘in such quantities’ and under such circumstances as to threaten to impair national security” (apud US Department of Commerce, 2018a, p. 1).²³

Assim, Donald Trump decidiu impor tarifas que representaram um adicional de 25% ad valorem²⁴ sobre a importação de aço e alumínio proveniente de todos os países. O objetivo era posicionar-se quanto à invasão das importações que, aos olhos do presidente norte-americano, estariam “colocando em risco a indústria nacional e um número significativo de empregos”.²⁵ Essa medida foi formulada com embasamento jurídico de outras situações similares no passado.²⁶

Nota-se que o comportamento adquirido pelo então presidente norte-americano era bastante previsível. O discurso eleitoral para vencer as eleições de 2016 já tinha como base uma agressividade contra o gigante asiático, recriminando a invasão de produtos chineses no mercado norte-americano. Além disso, Trump acusava a China de praticar *dumping*²⁷ e outras práticas econômicas injustas. Segundo o *International Trade Center*, Estados Unidos importaram nesse mesmo ano o equivalente a 481 bilhões de dólares da China, o que corresponde a 22,9% de tudo que o país vendeu para o mundo naquele ano.

Por outro lado, os chineses compraram bem menos dos Estados Unidos, evidenciando o desequilíbrio no registro de importações e exportações entre os países. A balança comercial desfavorável era apontada pelo candidato à casa branca. Assim, o presidente já anunciava como seria seu governo. Resgatando o lema *America First*, utilizado por outros presidentes no passado, trouxe uma política de caráter protecionista. Defendendo segmentos da indústria e produtores nacionais, prometeu taxar os produtos chineses, o que não demorou em colocar em prática. A Doutrina Trump, como define

<<https://www.heritage.org/trade/report/fixing-americas-broken-trade-laws-section-232-the-trade-expansion-act-1962>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

²³ RIBEIRO, Fernando J. O aumento das tarifas norte-americanas de importações de aço e alumínio e seus impactos sobre o Brasil e o mundo. **IPEA**, Nota Técnica n°12, 2018 p.4

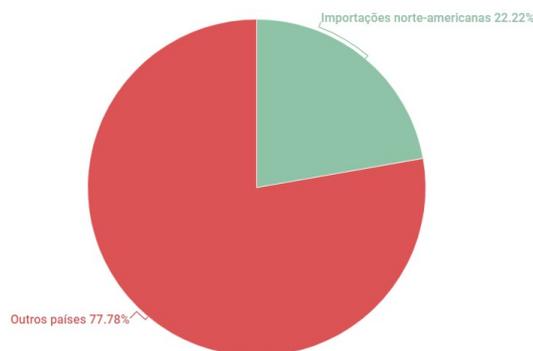
²⁴ Em termos comerciais, o *ad valorem* são tributos (taxas, tarifas e impostos) calculados em cima do valor comercial da mercadoria e que compõe a base de cálculo do produto, ou seja, da sua incidência. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/167.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

²⁵ CARVALHO, Monique Fernandes Pereira; AZEVEDO, André Filipe Zago de; MASSUQUETTI, Angélica. O BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA. **ANPECSUL 2019** Economia Internacional (Área 5) Disponível em: <https://www.anpec.org.br/sul/2019/submissao/files_I/i5-0835cda12a9792564cef6a42fd641bda.pdf> Acesso em 04 de dez. de 2019. p.4

²⁷ O *dumping* é uma prática de vender produtos a um valor muito abaixo o mercado. Fonte: O que é Dumping. Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dumping>> Acesso em: de 04 dez. de 2019

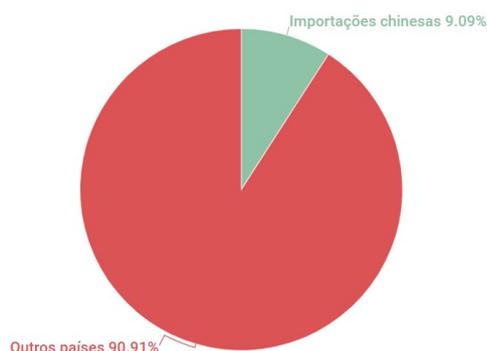
Kocher,²⁸ se coloca como uma postura radical de isolamento internacional, que viria a ser central na estratégia de ataques do candidato e que levou a vitórias nas eleições: a mobilização política populista em torno do déficit da balança comercial entre Estados Unidos e China. Portanto, pode-se observar nos gráficos a seguir, uma clara diferença na balança comercial entre os países.

Figura 4: Exportações chinesas em 2016 - Gráfico feito pela autora a partir de uma análise da base de dados disponível no International Trade Center



Fonte: International Trade Center; Trade statistics for international business development Monthly, quarterly and yearly trade data. Import & export values, volumes, growth rates, market shares. Disponível em: <<http://www.intracen.org/itc/market-info-tools/statistics-export-country-product-mont>> Acesso em 20 de out. de 2019.

Figura 5: Exportações norte-americanas em 2016 - Gráfico feito pela autora a partir de uma análise da base de dados disponível no International Trade Center



Fonte: International Trade Center; Trade statistics for international business development Monthly, quarterly and yearly trade data. Import & export values, volumes, growth rates, market shares. Disponível em: <<http://www.intracen.org/itc/market-info-tools/statistics-export-country-product-mont>> Acesso em 20 de out. De 2019.

28 KOCHER, Bernardo. A “Doutrina Trump” e a guerra comercial global. **Jornal dos Economistas**, N°350 Outubro de 2018 p.3-4. Disponível em: <<https://www.coreconrj.org.br/anexos/E8C645326A2DA3F5638B4D07357FBBCA.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

Conclui-se, portanto que apesar da recente desaceleração do crescimento da economia chinesa²⁹ tenha sofrido nos últimos anos devido à diminuição da demanda e consequentemente da produção e do consumo, estudos mostram que o país mantém a capacidade de atingir o posto de maior economia do globo em alguns anos.³⁰ A possibilidade de seu atual rival vir a ultrapassá-lo passou a amedrontar as atuais lideranças e pesquisadores dos Estados Unidos. Assim, o país iniciou a postura de proteção a indústria nacional, fato que será analisado na próxima sessão desse trabalho.

2.2 Medidas, retaliações e suas consequências

A primeira medida direta atingiu diretamente o setor de infraestrutura e desenvolvimento chinês. Essa foi uma iniciativa autorizada por uma seção que visa à segurança nacional dos Estados Unidos e não era colocada em prática há aproximadamente quinze anos. Canadá e México ficaram de fora da lista dos afetados, entrando para as exceções, uma vez que as negociações com os países citados se situavam no âmbito do - *North American Free Trade Agreement - NAFTA*, em português Tratado Norte-Americano de Livre Comércio, também objeto das reformas de isolamento nacionalista de Trump.

Ainda no mês de março de 2018, em outro noticiário do mesmo canal de comunicação, o presidente norte-americano se inclinou para flexibilizações na medida, ao afirmar que essa seria muito justa e ressaltando “especialmente para aqueles países que nos tratam bem”.³¹

Trump não tardou a flexibilizar a sobretaxa do aço e beneficiou alguns países.³² Essa flexibilização estava destinada somente mediante a comprovação da falta de matéria-

29 MAIA, Fernanda; MACHADO, João; SANTANA, Pedro. **Desaceleração econômica da China: Uma análise de causas e impactos.** UFRJ. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/250620155200_5_Desacelerac807a771oEconomicadaChina.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019

30 DINIZ ALVES, José Eustáquio. O fim do século americano? Publicado em APARTE (<http://www.ie.ufrj.br/aparte/> em 10/08/2011). Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/art_96_o_fim_do_seculo_americano.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019

31 GAZZONI, Marina; TREVIZAN, Karina; ALVARENGA, Darlan. EUA impõem sobretaxa de 25% ao aço importado e 10% ao alumínio. Publicado em 08 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/eua-impoem-sobretaxa-de-25-ao-aco-importado-c-10-ao-aluminio.ghtml>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

32 CASA BRANCA. GABINETE DO SECRETÁRIO DE IMPRENSA. Presidente Trump aprova seção 232 de modificações tarifárias. Publicado em: 23 de mar. de 2018. Disponível em:

prima no mercado interno. Ou seja, o importador norte-americano deve apresentar a existência de não similaridade do produto em território nacional. 33 Pouco depois, o governo estadunidense lançou uma lista de produtos chineses que começariam a sofrer sobretaxa de aproximadamente 50 bilhões de dólares nas importações. E como resposta ao ataque em meio à guerra, a resposta veio na mesma medida.

A China apresentou à OMC uma lista com os produtos que receberiam mudanças nas tarifas de importação, incluindo o aumento do imposto de importação da soja norte americana em 25%. 34 O governo chinês respondeu as medidas norte-americanas com retaliação, aumentando os impostos sobre a importação de seus produtos, principalmente no setor de alimentos, principalmente soja, amêndoas, laranjas, maçãs e carnes.35 Assim atingindo cerca de 60 bilhões de dólares em taxas sobre todos os produtos americanos que são vendidos em território nacional.

Quadro 1: Medidas tarifárias adotadas pelos dois países

Produtos	País que adota medida tarifária	Tarifa de importação <i>ad valorem</i>	Países atingidos
Aço	EUA	25%	Diversos
Alumínio	EUA	10%	Diversos
Lista estadunidense com 818 produtos chineses	EUA	25%	China
Lista chinesa com 545 produtos estadunidenses	China	25%	EUA

Fonte: CARVALHO, Monique Fernandes Pereira; AZEVEDO, André Filipe Zago de; MASSUQUETTI, Angélica. O BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA. ANPECSUL 2019 Economia Internacional (Área 5) Disponível em:

<https://www.anpec.org.br/sul/2019/submissao/files_I/i5-0835cda12a9792564cef6a42fd641bda.pdf>

Acesso em: 04 de dez. de 2019.

<<https://br.usembassy.gov/pt/presidente-trump-aprova-secao-232-de-modificacoes-tarifarias/>> Acesso em: 04 de dezembro de 2019.

33 No Brasil, a comprovação de não similaridade também traz alguns benefícios como isenção ou redução tributária, conforme Art.4º do Decreto Lei nº 63, de 1966. Fonte: BRASIL. Decreto- Lei nº 63, de 21 de novembro de 1966. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0063.htm> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

34 CARVALHO, Monique Fernandes Pereira; AZEVEDO, André Filipe Zago de; MASSUQUETTI, Angélica. O BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA. ANPECSUL 2019 Economia Internacional (Área 5) Disponível em: <https://www.anpec.org.br/sul/2019/submissao/files_I/i5-0835cda12a9792564cef6a42fd641bda.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019. p.2

35 AGÊNCIA BRASIL. EUA aumentam impostos sobre importações chinesas; Pequim retalia. Publicado em: 01 de set. de 2019. Disponível em: <<https://canalrural.uol.com.br/noticias/eua-aumentam-impostos-sobre-importacoes-chinesas-pequim-retalia/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

Uma nova etapa da Guerra Comercial começou quando os Estados Unidos anunciaram que taxariam mais de US\$ 300 bilhões em importações chinesas a partir do dia 1º de setembro.³⁶ É importante frisar que aumentar as tarifas de um produto a ser importado influencia no seu preço de venda. Dessa forma, com o produto estrangeiro mais caro, o governo incentiva a população local a não comprá-lo, priorizando sempre o que é produzido internamente. Só que o governo chinês decidiu tomar uma atitude mais drástica. Passou, então, a incluir o âmbito cambial quando o Banco Central do país, mais conhecido como Banco do Povo da China, anunciou a desvalorização do yuan em agosto de 2019. Dessa forma, os produtos americanos ficaram mais caros e com menos capacidade de competir com os produtos chineses.

De acordo com Leão (2008), desde 1994 não ocorria uma depreciação tão marcante na moeda chinesa, período em que a taxa cambial depreciou de 0,59 para 5,23 yuan por dólar. Nessa época havia uma taxa flutuante e uma para o mercado de *swap*,³⁷ onde as empresas das ZEEs e corporações estatais especializadas em exportações se beneficiavam tendo em vista o favorecimento e incremento da atividade exportadora.³⁸

Foi uma fase marcada por reformas dentro do mercado de câmbio, que por sua vez não era unificado. A partir de janeiro de 1994 o país passou a seguir um regime cambial onde as transações eram feitas com uma taxa de câmbio de RMB 8,7 por dólar.³⁹ Desde então sempre houve um esforço grande do governo chinês para que o preço da moeda fosse competitivo o suficiente. O objetivo é o incentivo a atividade exportadora.

36 REUTERS. EUA vão impor tarifa extra de 10% a US\$ 300 bilhões em produtos da China. Publicado em: 01 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/eua-vao-impor-tarifa-extra-de-10-us-300-bilhoes-em-produtos-da-china-1-23848063>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

37 *Swap* é um acordo feito mediante ao risco cambial, para investidores e exportadores manterem seus lucros ainda com variações no câmbio. Fonte: WAWRZENIAK, Diego. O que é Swap e como funciona? Publicado em 20 de fev. de 2014. Disponível em: <<https://www.bussoladoinvestidor.com.br/o-que-e-swap/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

38 FERREIRA LEÃO, Rodrigo Pimentel. A Gestão da Política Cambial Chinesa: As Lições do Período da Crise Financeira de 2008 Número 4 Out./Dez. 2010 **Boletim de Economia e Política Internacional** Deint 32 Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4703/1/BEPI_n4_gestao.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019 p.2

39 PIO, REBECA CAETANO RODRIGUES DA SILVA. IO Câmbio e Crescimento: Uma Análise do Caso Chinês. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de economia. Programa de políticas públicas, estratégias e desenvolvimento Disponível em: < http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pped/dissertacoes_e_teses/Rebeca_Pio.pdf > Acesso em: 07 de dez. de 2019

Com a depreciação que a moeda chinesa sofreu em agosto de 2019, especulou-se que um dólar passaria a sete yuans⁴⁰. Dessa forma, os produtos chineses passariam a custar sete vezes menos que os americanos, tendo como resultado um aumento significativo da sua competitividade e estimulando o desempenho econômico. A extensão da retaliação para o mercado cambial trouxe para a China uma imagem de manipulação cambial⁴¹ chegando a ser nomeada publicamente de *Currency Manipulator*.⁴² Entretanto, vale a pena frisar que todos os países são manipuladores da própria moeda. Deixar que a própria moeda fosse desvalorizada para proteção nacional diante de uma ameaça à economia não seria então um comportamento exclusivo do gigante asiático.

Em uma Guerra Fria no âmbito cambial, a ação do Estado é entre as linhas e disfarçada, impondo juros mais baixos e compras de ativos pelos bancos centrais. Nota-se pela ação do FED ao alterar as taxas de juros do país em 0,25 percentuais, reduzindo assim a taxa básica do país para o intervalo de 1,75% a 2% ao ano.⁴³

Essa medida inaugurou a retaguarda do sistema para possíveis danos da guerra iniciada pelo presidente estadunidense. Vale destacar que o sistema tem grande responsabilidade e poder, pois a sua atuação é independente de aprovação do executivo e do legislativo. Porém, como não se mantém calado diante de posicionamentos e decisões que vão contra seus objetivos, a medida foi publicamente criticada pelo por Trump, que esperava mais do presidente do FED.⁴⁴

40 GALBRAITH, Andrew; ZHOU, Winni. China deixa yuan romper marca de 7 por dólar pela 1ª vez na década com escalada em tensão comercial. Publicado em: 05 de ago. de 2019. Reuters, via UOL. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/08/05/china-deixa-yuan-romper-marca-de-7-por-dolar-pela-1-vez-na-decada-com-escalada-em-tensao-comercial.htm>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

41 BARBOSA, Fernando Honorato. Juros devem cair abaixo de 5% até o final do ano. Cenário Econômico. Bradesco. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Publicado em 06 de set. de 2019. Disponível em: <https://www.economiaemdia.com.br/BradescoEconomiaEmDia/static_files/pdf/pt/publicacoes/cenario_economico/Cenario_economico_set-19.pdf> Acesso em: 05 de dez. de 2019

42 BORAK, Donna. Trump administration labels China a currency manipulator. CNN. Publicado em 05 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/08/05/business/china-currency-manipulator-donald-trump/index.html>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

43 Forma popular de referir-se ao Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos. Fonte: TORORADAR. The Fed- O Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos. Disponível em: <<https://www.tororadar.com.br/investimento/bovespa/the-fed-federal-reserve-system>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

44 TRUMP, Donald. Tweet no Twitter no dia 18 de set. de 2019. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1174388901806362624?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Eetweetembed%7Ctwtterm%5E1174388901806362624&ref_url=http%3A%2F%2Fagenciabrasil.ebc.com.br%2Finternacional%2Fnoticia%2F2019-09%2Fbanco-central-dos-eua-reduz-taxa-de-juros-norte-americana> Acesso em: 05 de dez. de 2019

Espera-se um comportamento diferenciado em situação de guerra propriamente dita. Em uma guerra declarada, políticas mais firmes são adotadas. Por exemplo, o tesouro americano possui o *Exchange Stabilization Fund*,⁴⁵ ferramenta que torna possível a equiparação do dólar em uma situação monetária conturbada. Os incentivos estatais para defesa de suas respectivas economias partem de ambas as partes e trazem medidas agressivas para melhorar a posição das empresas nacionais. Com os países vendendo menos um ao outro, a produção cai e o consumo desacelera, pois são adotadas medidas de redução de gastos, fazendo o comércio recuar. 46

Quando o banco central chinês permitiu que sua moeda enfraquecesse com relação ao dólar em meio à disputa comercial, instaurou automaticamente um cenário de instabilidade. Houve nítida perda de credibilidade, pois, desvalorizando uma vez, não se sabe se ocorrerá novamente. Visto que essa disputa envolve as duas maiores economias do mundo, os efeitos recaem sobre todos os países, gerando um cenário de instabilidade, incertezas e preocupação do mercado mundial.

A volatilidade e incerteza são altamente depreciativas para os mercados e configurou um caminho perigoso para os investimentos e negociações internacionais no ano de 2019. Isso é representado pelas contínuas variações das bolsas de valores, instabilidade do preço do dólar e se refletiu na tão temida redução da expectativa de crescimento da economia global.

É no cenário crítico que há a possibilidade de estreitamento das relações entre países emergentes e cooperação sul-sul. Nas próximas sessões, analisa-se brevemente o panorama das negociações entre chineses e brasileiros, bem como o fator intercultural presente nesse relacionamento.

45 O Fundo de Estabilização de Câmbio (FSE) é um fundo de reserva de emergência dos Estados Unidos, o qual pode interferir em um cenário cambial desfavorável. Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Exchange_Stabilization_Fund> Acesso em: 05 de dez. de 2019

46 The World Bank. Perspectivas econômicas globais: riscos elevados, investimentos moderados. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

3. O panorama das negociações sino-brasileiras

Como nessa disputa envolvendo a China e os EUA, principal e histórico parceiros respectivamente envolvem o Estado e a Sociedade Brasileira nos próximos anos? Esse trabalho busca dar enfoque as relações do Brasil com a China, destacando o longo caminho histórico percorrido. Ainda no período histórico do Império e da Escravidão no Brasil, chegou-se a cogitar a importação de trabalhadores chineses, “submissos” e importados também por outros países, para substituição de escravos negros.⁴⁷ Nesse contexto, ambos os países eram países dependentes e juridicamente reconhecidos como soberanos, contudo periféricos no sistema mundial.

Destaca-se na história do Brasil a emergência do pensamento desenvolvimentista, já no final século XIX, quando as ideias do nacionalismo e iluminismo foram importadas da Europa.⁴⁸ No entendimento de Fonseca, as ideias se complementam e seguem juntos para o ideal de um progresso menos dependente e de incorporação do progresso técnico industrial na sociedade. No caso, é necessário destacar esses antecedentes na política nacional desenvolvimentista, colocando fim ao revezamento das oligarquias paulista e mineira no poder⁴⁹ e na emergência de uma economia política mais autônoma e nacionalista, propiciada pela tomada de poder por Getúlio Vargas⁵⁰ e que permitiu um contexto mais favorável para o nascimento de um outro relacionamento com o espaço internacional.

Os anos 30 foram marcados por uma crise de caráter estrutural. O país que tinha o café como principal produto exportado foi atingido pela grande depressão. O produto que já

⁴⁷ Alguns documentos do Arquivo do Senado comprovam que a o gigante asiático encheu os olhos da política externa imperial de Dom Pedro II. O plano que nunca viria a se concretizar era a substituição dos escravos negros por uma mão de obra chinesa que também fosse submissa. Fonte: WESTIN, Ricardo. No fim do império, Brasil tentou substituir escravo negro por “semiescravo” chinês. Arquivo do Senado. Publicado em 02 de set. de 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/no-fim-do-imperio-brasil-tentou-substituir-escravo-negro-por-201csemiescravo201d-chines>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

⁴⁸ FONSECA, Pedro Cezar Dutra; SALOMÃO, Ivan Colangelo. O sentido histórico do desenvolvimentismo e sua atualidade **Rev. Econ. Contemp.**, núm. esp., 2017: e172125, p. 1-20 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rec/v21n2/1415-9848-rec-21-02-e172125.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019 p.8

⁴⁹ A política do café-com-leite perdurou de 1898 até 1930. Fonte: AMORIM DE ANGELO, Vitor. Política do café-com-leite – Acordo marcou a República Velha. História do Brasil, UOL Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/politica-do-caffe-com-leite-acordo-marcou-a-republica-velha.htm>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

⁵⁰ Vargas a assumiu a chefia através de um golpe de Estado no dia 03/10/1930. Esse período que emergiu a partir da Revolução de 30, é datado por muitos historiadores como o Governo Provisório. Fonte: NEVES SILVA, Daniel. Era Vargas: Governo provisório (1930-1934). História do Mundo. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/era-vargas-governo-provisorio-1930-1934.htm>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

estava em declínio na matriz exportadora sofreu ainda mais com o crash de 1929.⁵¹ Assim, a crise do auge do capital propiciou uma mudança no padrão de acumulação, inaugurando um interesse pela substituição das importações e desenvolvimento industrial.⁵² As condições colocadas no cenário econômico vão influenciar mudanças significativas na política brasileira, em que, de acordo com Cunha (2011)

O ideário desenvolvimentista via na especialização produtiva em produtos intensivos em recursos naturais uma fonte de atraso e estagnação. A diversificação produtiva rumo às atividades manufatureiras e o setor de serviços e a urbanização eram os objetivos centrais da modernização periférica brasileira.⁵³

Nessa época houve fortes estímulos à autonomia da economia brasileira em sua inserção no comércio mundial. Para concretizar esse plano, a ideia era trabalhar em cima de um modelo de governo pautado no planejamento e desenvolvimento. Dessa forma, o Brasil poderia diminuir a dependência com o exterior. Desenvolvendo a indústria de base e recursos naturais, o resultado a se chegar era de um Brasil mais urbanizado e modernizado.

Buscando a política de substituições, o Estado apoiou a indústria nacional de base e que viria a dar o apoio necessário a diversos setores, pois ofereceriam os insumos fundamentais para a produção interna de diversos produtos industriais essenciais. Em conjunto, caminhariam para o crescimento industrial do Brasil. Para exemplificar, cabe mencionar a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (1940), a Companhia Vale do Rio Doce (1942), a Fábrica Nacional de Motores (1943) e a Hidrelétrica do Vale do São Francisco (1945).

Nesse contexto a China sofria do outro lado do mundo com as consequências do período de dominação do imperialismo japonês e seguia na luta por uma plena libertação nacional. Segundo Milaré e Diegues (2012), a diminuição das desigualdades existentes e a reforma agrária só viriam a ser implementadas no contexto Pós-Revolução de 1949 e a

⁵¹ MAIA, Andréa Casa Nova. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 49, p.217-245, jan/abr 2013 Representações da crise de 1929 na imprensa brasileira relações entre história, mídia e cultura Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8775201300010001> Acesso em: 04 de dez. de 2019

⁵² VAN DER LAAN, Cesar Rodrigues; CUNHA, André Moreira; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Os pilares institucionais da política cambial e a industrialização nos anos 1930. **Rev. Econ. Polit.** vol.32 no.4 São Paulo Oct./Dec. Disponível em: <[scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572012000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572012000400004)> Acesso em: 05 de dez. de 2019

⁵³ CUNHA, André Moreira. Dossiê China: Desenvolvimento econômico e segurança internacional. A China e o Brasil na nova ordem internacional. **Revista de Sociologia e Política** v. 19 nº suplementar 9-29. Nov. de 2011.

agricultura rudimentar impossibilitava, conseqüentemente, o desenvolvimento do setor industrial.

E os impactos da Revolução de 1949 são também fundamentais para explicar a trajetória futura da China. A revolução varre do solo chinês as forças responsáveis pelo atraso, paralisia e pelas tendências desagregadoras do país. São eliminados os restos das antigas burocracias civis e militares que sobreviveram à queda do império, os proprietários de terras parasitários que viviam de rendas e as camadas burguesas ligadas ao comércio exterior, criadas com a ocupação de regiões do país por potências estrangeiras. (OLIVEIRA, 2005, p. 4 apud MILARÉ, DIEGUES e Diegues, 2012, p. 363)⁵⁴

A busca pela ascensão e crescimento chinês foi responsável para alta demanda por recursos naturais. De acordo com Becard “logo após a sua fundação em 1949 e ao longo da década de 1950, o interesse da República Popular da China (RPC) pela América Latina, em geral, e pelo Brasil, em particular, estava diretamente ligado à vontade de reconstruir o país e aumentar sua segurança.”⁵⁵ A questão da segurança alimentar era dita como primordial, pois a China sofreu ainda muito ao longo dos anos da escassez de alimentos e de períodos de desorganização interna da produção agrícola. Ou seja, além de querer aumentar o poder político e ampliação de seu reconhecimento mundial, o gigante asiático tinha como meta criar meios e intensificar relações para, em longo prazo, solucionar o problema da fome e do acesso a alimentos.

Nesse âmbito, o relatório “O Agronegócio Brasileiro: China e Comércio Internacional”, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicado em 2017 destaca que esse problema estrutural não pode ser solucionado com isolamento ou autossuficiência nacional, criando uma interdependência da China na cadeia global de produção de alimentos. Na atualidade, as terras realmente agricultáveis “fica[m] apenas pouco acima do nível mínimo defendido pelo governo, 120 milhões de hectares, o que equivale a menos de 0,1 hectare per capita, ou 40% da média mundial.” (p.32)

Segundo Becard, “o Brasil, de sua parte, também buscou aproximar-se da China nos anos 1960, afirmando que desacordos ideológicos não deveriam impedir que o país mantivesse relações com todos os povos”, no que viria a ser a construção da chama Política Externa Independente. Acrescenta o autor que “assim, a política de alargamento de parceiros comerciais e de aumento do prestígio internacional do país fez que, durante a

⁵⁴ OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. Reformas econômicas na China. **Economia Política Internacional**: análise estratégica, Campinas, n. 5, abr./jun., p. 3-8, 2005.

⁵⁵ BECARD, Danielly Ramos O QUE ESPERAR DAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA? **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011 p. 31

presidência de Jânio Quadros (janeiro de 1961 a agosto de 1961), o Brasil aproximasse-se da China.”⁵⁶

Poucos anos depois da Revolução Chinesa, desejando o estreitamento das relações comerciais com a China, os dirigentes dos países se visitam. e em maio de 1961, o Brasil recebeu a visita de missão comercial chinesa, interessada na indústria de couros e no potencial de produção soja no Rio Grande do Sul. Em agosto do mesmo ano, João Goulart, vice-presidente na época, faz uma visita à República Popular China, tornando-se o primeiro político brasileiro a fazer uma visita formal ao país. Seus objetivos estavam associados à busca de reconhecimento internacional, como também no desenvolvimento de uma parceria estratégica de longo prazo com o país de tamanho continental, em um contexto marcado pela forte polarização ideológica também no Brasil. Goulart em seu discurso,⁵⁷ faz um chamado à unidade entre os países do então chamado de Terceiro Mundo, evidenciando a necessidade dos povos asiáticos, africanos e latino-americanos se mobilizarem pelos seus próprios interesses.

Interessante observar que só em 2001, tão mais tarde, essa unidade de concretizou através do BRICS⁵⁸ e segue visando a cooperação entre os países hoje considerados parceiros estratégicos. Ainda nesse período o aperto de mão com Mao Tse Tung não resultou em grandes modificações na dinâmica dos negócios entre os países e influenciou o próprio contexto de polarização política brasileiro, que culminou em 1964 como o Golpe Civil-Militar e o afastamento de Jango.

Dessa forma, o Brasil do Milagre Econômico⁵⁹ deu início a uma diplomacia centrada nos parceiros tradicionais, com enfoque na influência das preocupações relacionadas a política de segurança hemisférica estadunidense e com medidas de combate ideológico ao comunismo. Vilela (2004) salienta que nos primeiros governos do período da Ditadura Militar o Brasil e China afastaram-se politicamente. Castello Branco impôs um

56 Ibidem p.32

57 Discurso de João Goulart aos chineses em 1961. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FyMf011RIu0>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

58 O BRICS é o agrupamento formado por cinco grandes países emergentes - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - que, juntos, representam cerca de 42% da população, 23% do PIB, 30% do território e 18% do comércio mundial. Fonte: BRICS. O que é o Brics. Disponível em: <<http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

59 O período da História do Brasil que foi marcado por forte crescimento da economia, mas também, aumento da dívida externa. Fonte: Milagre Econômico Brasileiro. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Milagre_econ%C3%B4mico_brasileiro> Acesso em: 05 de dez. de 2019

afastamento, alinhando sua política externa aos interesses dos Estados Unidos (BERNARD, 2011). Do lado de lá, a política externa também estava configurada como pragmática e fundamentalmente ideológica.

No início da década de 1970, diferentes fatores permitiram uma reaproximação entre Brasil e China. Por um lado, a China diminuiu seu apoio aos movimentos revolucionários na América Latina (considerados inaceitáveis pelo regime militar brasileiro) e buscou desenvolver uma diplomacia estratégica de governo a governo – prometendo respeitar o princípio de não intervenção em assuntos internos (também adotado pela diplomacia brasileira).⁶⁰

De acordo com o Itamaraty, as negociações sino-brasileiras foram estabelecidas com a assinatura de um acordo de reconhecimento diplomático no ano 1974.⁶¹ Foi quando Ernesto Geisel decidiu deixar as divergências políticas de lado e abrir-se a novos parceiros. Adotando uma política externa mais pragmática e diversificada, restabelece as relações com a China, assim reconhecendo sua importância no cenário mundial e, principalmente, para os interesses nacionais. O dirigente também realizou políticas para a aproximação com os países africanos e incrementou as relações comerciais com os países do então bloco socialista (PINHEIRO, 2010 apud GOBO, ZETTERMANN E CALADO, 2018). Seu objetivo era a diversificação econômica diante do saldo caótico na balança comercial, consequência direta das crises enfrentadas durante seu governo (1974-1979).

Desde então as relações sino-brasileiras desenvolveram-se em vários segmentos, como transporte, aviação, ciência, cultura, educação etc. Porém, devido às diversas crises que o Brasil enfrentava ao final da década de setenta, principalmente pelos efeitos do choque do preço do petróleo, a dívida externa e a crise fiscal, o negócio com a China não chegou a florescer conforme esperado pelos dois países. Os escassos recursos financeiros impossibilitaram a intensificação da cooperação bilateral, que veio a progredir em 1976, com o primeiro Acordo Comercial Sino Brasileiro. Bernard destaca que “a corrente de comércio começou a evoluir de forma gradual, indo de US\$ 19,4 milhões em 1974 para US\$ 202 milhões em 1979.”⁶²

⁶⁰ BECARD, Danielly Ramos O QUE ESPERAR DAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA? *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011 p.32. Grifo nosso

⁶¹BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. República Popular da China. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4926-republica-popular-da-china>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

⁶² BECARD, Danielly Ramos O QUE ESPERAR DAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA? *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011 p. 33

Nesse período, os produtos brasileiros mais exportados para o gigante asiático eram os minérios, produtos siderúrgicos, óleos vegetais e produtos agropecuários como algodão, açúcar e a soja. Por outro lado, os chineses exportavam para o Brasil, sobretudo produtos químicos, farmacêuticos, petróleo e peças para máquinas.⁶³ Ambas as partes se posicionaram de forma estreitar os laços diplomáticos durante a década posterior. Além da intensa da modernização, a política externa de Deng Xiaoping (1978) era de intensificar a cooperação da China com todas as regiões do mundo. De acordo com Molin, Piccoli e Castelli (2019), *“sua política externa em busca do protagonismo regional e do aumento da independência no cenário internacional, teve a modernização como prioridade, tanto que, entre 1984 e 1985, metade das trocas comerciais chinesas ocorreram com a América Latina.”* (pg. 5)

Em 1985 nasce a Nova República, pautada fundamentalmente nos reestabelecimento da Democracia no Brasil e em 1988, José Sarney visita o território Chinês. Nesse mesmo ano a cooperação se estendeu para o campo tecnológico com a proposta de cooperação na área de satélites por meio do CBERS⁶⁴. O programa surgiu com o objetivo da construção de satélites de sensoriamento remoto. Entretanto, devido às crises financeiras enfrentadas pelo Brasil na chamada ”Década Perdida”⁶⁵, foi difícil alavancar essa cooperação técnico espacial com a China.

Além das dificuldades que a alta no preço dos transportes, infraestrutura de portos e ferrovias insuficientes traziam para a expansão do comércio entre os países, soma-se o fim da URSS (1991), que contribuiu para uma profunda transformação da relação da China com o sistema internacional, contribuindo de forma negativa para as relações sino-brasileiras no início da década de 1990. Dessa forma, entende-se que as relações políticas e comerciais

⁶³ BECARD, Danielly Ramos O QUE ESPERAR DAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA? *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011 p.31

⁶⁴ Abreviação do programa chamado China-Brazil Earth Resource Satellite, que nasceu a partir de uma parceria entre o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e a Academia Chinesa de Tecnologia Espacial (CAST). O primeiro satélite foi lançado em 1999 (CBERS-1) e encontra-se inativo. Já o último (CBERS-4) foi em direção ao espaço em 2014 e hoje ainda encontra-se ativo. Fonte: BRASIL. Divisão de Geração de Imagens. Coordenação Geral de Observação da Terra. CBERS- China- Brazil Earth Resources Satellite ou Satélite Sino Brasileiro de Recursos Terrestres. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/documentacao/satelites/cbers>> Acesso em: 05 e dez. de 2019

⁶⁵ Os anos 1980 são considerados por alguns historiadores como a década perdida devido a retração da indústria, crise na economia, inflação, volatilidade dos mercados e crescimento da desigualdade social. No Brasil, por exemplo, o crescimento médio em 1970 era de 7% e caiu para 2% nessa época. Assim, a dívida externa se intensificou. Fonte: BRASIL. IPEA. Anos 1980, década perdida ou ganha? Publicado em 15 de jun. de 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2759:catid=28&Itemid=23> Acesso em 05 de dez. de 2019

entre Brasil e China durante a Guerra Fria se caracterizaram por uma aproximação singela, não atingindo o esperado por ambas as partes (OLIVEIRA, 2004).

A partir da década de 1990, o Brasil inicia um período em que se interessou mais pela Ásia como um todo. Priorizando o bom relacionamento, o governante Itamar Franco inaugura uma diplomacia cooperativa no que diz respeito a ciência e tecnologia, tendo em vista aumentar o fluxo de transações na balança comercial com o continente. De acordo com Oliveira, (2004) objetivo principal era a diversificação de uma parceria estratégica para cooperação, termo mencionado pela primeira vez em 1993 pelo Primeiro Ministro Chinês Zhu Rongji. (p. 18)

O objetivo era a busca conjunta para o desenvolvimento e aprimoramento da capacidade tecnológica dos países envolvidos.⁶⁶ Assim, a China intensificou de forma significativa o seu processo de desenvolvimento em busca de aprimorar seus meios de produção através de um plano. Anos mais tarde, as medidas adotadas a levariam ao topo do comércio internacional.

Como antecedente das relações construídas no seio dos BRICS, Molin, Piccoli e Castelli (2019) dissertam sobre as particularidades impostas na política externa brasileira no contexto pós-Guerra Fria. De acordo com os autores, “tal política pretendia reintroduzir o Brasil no modelo neoliberal incorporado pelos processos de globalização, trabalhando os conceitos de universalismo, a busca pelo multilateralismo no perfil de *global trader* e a diplomacia presidencial.” (pg. 6)

O multilateralismo reforçou interesses associados ao estreitamento das relações com os países em desenvolvimento. Assim, o fim da Guerra Fria trouxe mudanças não só para a política externa brasileira, como também para a estrutura bipolar do sistema internacional. Outros atores antes ignorados foram ganhando importância no cenário internacional. E gradualmente, os países que antes eram excluídos dos fluxos de comércio, investimento e produção por sua condição subdesenvolvida foram se destacando como detentores de potencial de crescimento e ganharam uma nova nomenclatura enquanto “Emergentes”.

⁶⁶ CARAMURU DE PAIVA, Marcos; LINS, Clarissa; FERREIRA, Guilherme. **BRASIL CHINA O ESTADO DA RELAÇÃO, BELT AND ROAD E LIÇÕES PARA O FUTURO**. Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Disponível em: <[http://midias.cebri.org/arquivo/Paper_Brasil-China_Port_DIGITAL_28ago%20\(2\).pdf](http://midias.cebri.org/arquivo/Paper_Brasil-China_Port_DIGITAL_28ago%20(2).pdf)> Acesso em: 2 de dez. de 2019.

De acordo com Molin, Piccoli e Castelli (2019), os Estados como África do Sul, Índia, China e Rússia passaram a possuir os recursos necessários para a “afetar o andamento de certos temas da política internacional”. Juntos seriam mais fortes, assim seguindo o “*conceito de system-affecting states, pois se caracterizam como atores que não tem capacidade para determinar ou influenciar o sistema, mas podem afetá-lo a partir de alianças, coalizões ou simples alinhamento de ações.*” (SANTOS, 2018, apud KEOHANE, 1969)

Com isso, na virada do milênio, as exportações brasileiras para a China só ficaram abaixo das para o Japão.⁶⁷ E foi nesse cenário que Jim O’Neill utilizou pela primeira vez a expressão BRIC⁶⁸ para referir-se aos países emergentes, que teriam capacidade de alta capacidade para transformarem-se em potências econômicas até 2050. A partir de então o relacionamento acirrou, inclusive no plano empresarial. De acordo com Oliveira:

Em agosto de 2002, foi assinado um acordo de equivalência sanitária que abre possibilidades de exportação de carne bovina e de frango. Em novembro de 2001, foi criada uma joint-venture entre a Companhia Vale do Rio Doce e a siderúrgica Baosteel. Em setembro de 2002, foi concluída a parceria entre a Embraer e a empresa aeronáutica chinesa AVIC2. Enfim, as grandes empresas, como Companhia Vale do Rio Doce, Petrobrás, Embraer, Embraco, Marcopolo, Sadi, entre outras, estão envidando esforços para entrarem no promissor e gigantesco mercado chinês.⁶⁹

Becard diz que “De 2000 a 2004, houve aumento, em 351,8%, das compras chinesas no Brasil, e em 106%, das compras brasileiras na China, o que levou esse país a transformar-se no quarto principal parceiro comercial do Brasil.”⁷⁰ (p. 36) Seguindo essa lógica, houve fortalecimento da cooperação Sul-Sul durante o governo Lula (2003-2010), período em que os dirigentes realizaram visitas uns aos outros, envolvendo inclusive empresários para estreitamento dos laços comerciais. Também foram realizadas diversas políticas de cooperação bilateral, com destaque para a criação da COSBAN (Comissão

67 OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica **Rev. Bras. Polít. Int.** 47 (1): 7-30 [2004].

68 Inicialmente o termo não incluía a África do Sul. Fonte: POLITIZE!. BRICS: o que você precisa saber sobre esse mecanismo de cooperação?. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/brics-o-que-voce-precisa-saber/>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

69 OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica **Rev. Bras. Polít. Int.** 47 (1): 7-30 [2004]. p.18, (grifos nosso)

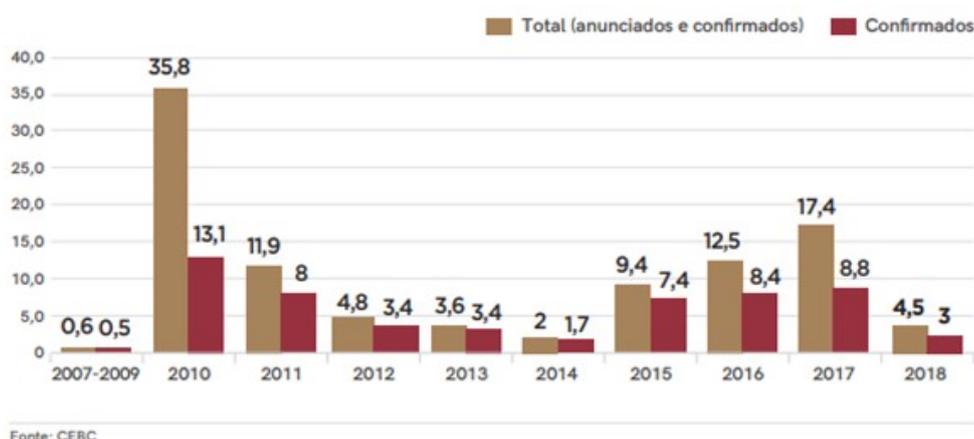
70 BECARD, Danielly Ramos O QUE ESPERAR DAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA? **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011

Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação), que tinha em vista o desenvolvimento nos setores econômico, financeiro, científico e acadêmico.

Pouco a pouco, a Ásia-Pacífico passou a ganhar a atenção da economia global e a incomodar o domínio norte-americano e europeu, com sua perda do espaço relativo no comércio internacional. Dessa forma, a hegemonia dos países ocidentais no cenário econômico internacional foi gradativamente afetada quando a iniciativas dos BRICS foi lançada. Em 2008 começaram a cooperar efetivamente e então, os olhares se voltaram para esses países que "juntos, representam cerca de 42% da população, 23% do PIB, 30% do território e 18% do comércio mundial."⁷¹

Com a crise financeira internacional, o crescimento dos investimentos diretos da China no exterior tornou-se tão propícios que, de acordo com os dados levantados por Oliveira (2004), "saltaram de US\$ 26 para US\$ 56 bilhões, em 2008." No ano seguinte, a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil⁷². Como reflexo direto do cenário de parceria bilateral, os fluxos dos investimentos chineses no Brasil aumentaram de forma expressiva.

Figura 6: Análise por valor do fluxo dos investimentos anunciados e confirmados de empresas chinesas no Brasil



Fonte: CARIELLO, Tulio. **INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL 2018: O quadro brasileiro em perspectiva global.** Conselho Empresarial Brasil-China. p.19. Disponível em: <<https://ecoa.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Investimentos-chineses-no-Brasil-2018.pdf>> Acesso em: 27 de out. de 2019

⁷¹ BRICS. O que é o Brics. Disponível em: <<http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

⁷² CARAMURU DE PAIVA, Marcos; LINS, Clarissa; FERREIRA, Guilherme. **BRASIL CHINA O ESTADO DA RELAÇÃO, BELT AND ROAD E LIÇÕES PARA O FUTURO.** Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Disponível em: <[http://midias.cebri.org/arquivo/Paper_Brasil-China_Port_DIGITAL_28ago%20\(2\).pdf](http://midias.cebri.org/arquivo/Paper_Brasil-China_Port_DIGITAL_28ago%20(2).pdf)> Acesso em: 2 de dez. de 2019.

Pode-se observar no gráfico acima que há uma explosão de investimentos em 2010, ano que o Brasil descobriu a China. Desde então, os dois vêm cooperando em uma relação bilateral de negociações do estilo ganha-ganha, mas também marcadas por aspectos como barganha, interculturalidade, multiculturalismo e a necessidade do estabelecimento de relações interpessoais para se alcançar esses objetivos.⁷³

4. O aspecto intercultural: negociando com chineses

A negociação é uma interação social entre partes interessadas, em que o elemento cultural é indiscutível. Valores, pré-conceitos e estereótipos sociais atravessam, quase que de forma imperceptível esses processos, pois se mostram intrínsecos ao relacionamento humano. O modo de se colocar, a entonação, ou mesmo o silêncio, “falam” por si só. De acordo com Sobral, Carvalho e Almeida (2012), “as negociações interculturais apresentam desafios maiores no sentido de chegarem a acordos, embora manifestem um potencial positivo no que respeita à criatividade, inovação e flexibilidade na resolução de problemas.” (p.87)

Entende-se, portanto, que as diferenças culturais podem se tornar entraves para um bom acordo, pois existe a possibilidade de haver falhas na comunicação e interpretação do que é dito ou não dito. Nesse sentido, analisar o estilo negocial é essencial ao planejar uma estratégia. É necessário conhecer não só a si mesmo como também o outro, no intuito de saber seus pontos fortes, fracos e, claro, viabilizar negociações eficazes. (Mainardes, Amal, Domingues, 2010, p. 4)

A qualidade das negociações entre povos de culturas tão distintas pode vir a trazer conflitos indesejados. Nessa ocasião, há um choque de valores que são intrínsecos a pessoa e constituem a sua forma de ser, agir e, claro, de fechar acordos. Existem muitos fatos e

⁷³ Devido ao multiculturalismo, é difícil orientar-se de forma concreta ao estilo do negociador chinês. Os regionalismos ainda são fortes e interferem na mentalidade do negociador chinês. Fonte: ROLDO, Mayara; MULLER, Vera Denise. Estratégias para conduzir eficientemente uma negociação entre Brasil e China. Disponível em: <<https://www.marketingviewer.com.br/estrategias-para-conduzir-eficientemente-uma-negociacao-entre-brasil-e-china/4182/>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

comportamentos que uma parte pode considerar normal, enquanto a outra considera algo a se estranhar. 74

Para Brandão e Antunes, “a observância das diferenças culturais é fundamental para o sucesso das negociações internacionais, pois quando as duas partes negociam, trazem consigo a sua cultura, interesses, prioridades e estratégias de negociação, do qual torna este processo mais complexo ainda.”⁷⁵ A complexidade das negociações sino-brasileiras é aguçada pelo fator cultural, pois, à primeira vista, a cultura do povo chinês está em outro paradigma de influências na formação de sua civilização.

Sendo tão diferentes em seus valores e modo de agir em sociedade, grandes dificuldades são apresentadas na concretização de um negócio entre essas partes. Entretanto, alguns autores comprovam que o afastamento cultural pode ser superado através da criação de um vínculo com a identidade do outro. Segundo, Schiavinia, Schererb e Coronelc (2012, p.330) *“uma vez que os estrangeiros compreendam e respeitem as normas de conduta chinesa, poderão ser estabelecidos elos de negociação difíceis de serem quebrados.”*

Segundo Richard Lewis,⁷⁶ os chineses possuem um estilo de Negociação Reativa, marcado por características como pontualidade, cordialidade, polidez, conciliação e atenção aos detalhes que o outro pode fornecer ao curso de processo que tende a ser harmonioso⁷⁷. E, apesar de sua modernização, o país ainda carrega muitos aspectos tradicionais. O negociador brasileiro também é reconhecido pelo jeito amigável, harmonioso e cordial. Portanto, há uma tendência de manter a hospitalidade e bons relacionamentos interpessoais.

74 PAIVA, Márcia Perez de Vilhena; INOCENTE, Nancy Julieta; OLIVEIRA, Adriana Leonidas. GESTÃO INTERCULTURAL: A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS E INTERCULTURAIS NO CONTATO ENTRE PROFISSIONAIS DE DIFERENTES CULTURAS Oliveira VIII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO 8 e 9 de junho de 2012 ISSN 1984-9354 Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T12_0494_2690.pdf> Acesso em: 07 de dez. de 2019

75 BRANDÃO, Luciane Globbo; ANTUNES, Evelyn Santos. O OBSTÁCULO CULTURAL NAS NEGOCIAÇÕES BRASILEIRAS COM OS CHINESES Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/cccg/article/view/8238/4624>> Acesso em: 05 de dez. de 2019. P. 187

76 LEWIS, Richard Donald. **When Cultures Collide: LEADING ACROSS CULTURES**. Nicholas Brealey International, 2006.

77 BRANDÃO, Luciane Globbo; ANTUNES, Evelyn Santos. O OBSTÁCULO CULTURAL NAS NEGOCIAÇÕES BRASILEIRAS COM OS CHINESES Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/cccg/article/view/8238/4624>> Acesso em: 05 de dez. de 2019. p. 188 e 189

A ética de Confúcio, filosofia tradicional da estrutura hierárquica chinesa, traz essa noção de benevolência, convívio e humanidade. Com posições e status determinados, tomadores de decisões são somente aqueles que são mais velhos ou ocupam os cargos mais altos. Nessa lógica de hierarquia familiar, os valores chineses se estreitam de forma que um chinês não seria capaz, por exemplo, de questionar veemente o seu chefe, assumindo uma postura de obediência.

Entretanto, esse lado pacífico pode resultar em mal entendidos, pois, ao fugir do conflito, muitas vezes o chinês não diz aquilo que queria dizer. O fato de não serem objetivos e terem medo de se complicar gera, claro, imprecisão.⁷⁸ O sim e o talvez, na verdade, podem simbolizar um não enrustido. Por isso, faz-se importante uma análise de gestos e expressões utilizadas durante uma negociação.

Conhecer e entender a cultura chinesa são pontos importantes. Apreciá-la em seus pontos mais singelos, como por exemplo, o ato da troca de cartões no primeiro encontro, dar presentes, demonstrar interesse pela música, paisagem e principalmente apresentar curiosidade pela língua ali falada podem sim ser fatores que facilitem a negociação. Entretanto, os anseios não são suficientes. Além disso, muitas vezes esse processo pode se estender e demandar mais tempo que o imediatismo previsto pelos brasileiros, em que se busca encaminhar para soluções e resoluções mais rápidas na forma.⁷⁹

De pouco planejamentos prévios, e despreocupados com o cumprimento de agendas, o foco é vencer os processos burocráticos. Assim, evidencia-se o famoso “jeitinho”⁸⁰.

Para isso, Sobral, Carvalho e Almeida (2010) dissertam que:

“Esse «jeitinho brasileiro» (Barbosa, 1992) é, portanto, um elemento especial da identidade social brasileira. É uma forma peculiar de agir que caracteriza um «estilo» de lidar com as regras, tornando-as flexíveis, escolhendo atalhos ou caminhos alternativos para passar ao largo dos seus aspectos mais rígidos, evitando choques e constrangimentos.” (p.93)

78 GOMES FERNANDES, Maria Fernanda. *Negociação Brasil e China: seus principais aspectos culturais*. FGV. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3982/mfernanda.pdf>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

79 QUARESMA, Henry Uliano. *A Arte de Negociar com Chineses*. Disponível em: <<http://www.brazilexportmagazine.com.br/novosite/a-arte-de-negociar-com-chineses/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

80 HOLANDA, S. B. (2001), **Raízes do Brasil**. 26.^a ed., Companhia das Letras, São Paulo.

Além disso, acrescentam “o improviso típico do brasileiro é uma ação que requer «jogo de cintura» e criatividade, práticas valorizadas que, muitas vezes, inibem o exercício do planejamento, que é de fundamental importância nas negociações.” (p. 93)

A pressa por muitas vezes pode ser vista com maus olhos, pois o relacionamento fraternal aparece como o pilar mais importante da mentalidade comercial chinesa. A percepção do tempo para um chinês é diferente. Por isso, é preciso ter muita paciência e acompanhá-los no ritmo, dar um passo de cada vez. Além disso, não pode medir esforços em dedicar-se a criar um bom ambiente familiar e uma confiança recíproca, aceitando convites para eventos ou mesmo reuniões fora do escritório, principalmente restaurantes. Esses encontros podem parecer informais, mas há de se ter cuidado.

Gostam de jantares de negócios e estão preparados para a ocasião. Todo e qualquer comportamento nessas reuniões informais influenciarão na barganha e no resultado do negócio. Socializar é contribuir para a concretização de um relacionamento de longo prazo. Para eles, o relacionamento é mais importante do que fechar o negócio em si. Por esse motivo o negociador brasileiro não deve evitar a prolongação das negociações, pois isso pode interferir nos resultados a serem alcançados.

Para os brasileiros, existe uma gestão flexível do tempo. Pouco pontuais, os quinze minutos que em uma cultura são considerados como tolerância, em outras culturas pode ser considerado até mesmo falta de respeito. Outra diferença a destacar é o fato de os brasileiros gesticularem muito, enquanto a outra parte é mais contida. De poucas palavras e ações, os chineses são mais observadores.

A desconfiança intrínseca do modo de ser chinês frente aos negócios se deve principalmente ao histórico de guerras, golpes, concessões, tratados e imposições nos últimos 200 anos, o que involuntariamente deu o status de semicolonial, ainda que nunca tivesse sido.⁸¹ Por essas questões, o chinês só firma o negócio quando estiver realmente seguro, em um ambiente de confiança mútua. (Wong e Leung; 2011).

Existem aspectos da sociedade brasileira que estão entranhados no modo de ser no mundo dos negócios, por exemplo, a estrutura hierárquica e a distância que existe entre as

81 BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Inteligência Comercial. Como Exportar: China / Ministério das Relações Exteriores. Brasília: MRE, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pequim/pt-br/file/CEXChina-2017-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

partes. Nesse sentido, o status e posição social que um ocupa também são tidos como fundamentais. Assim, há semelhança entre as duas culturas apresentadas. Dificilmente haverá um acordo eficaz em uma negociação onde as pessoas ocupam cargos de posições distintas.

O mesmo passa para os amigos de tão longe. De acordo com Zhang e Pimpa (2010), a valorização do networking na sociedade chinesa está relacionada ao poder hierárquico dos indivíduos da rede. Para os chineses, não basta saber desempenhar tarefas complexas, é necessário conhecer pessoas importantes, que por sua vez também conhecem outras pessoas que também são importantes. Essa prática é conhecida como *guanxi* e está ligada diretamente a questão de autoridade e respeito mútuo dentro desse meio. Nessa uma rede de relacionamentos há troca de favores e comprometimento de todos aqueles que fazem parte. Os autores ainda ressaltam que essa cultura vai além do networking ocidental, firmando assim uma rede complexa de contatos onde as pessoas realmente se valorizam entre si. Portanto, há um jogo de poder, integridade e condutas das pessoas envolvidas.

Condutas estas vinculadas a códigos não escritos e de honra, seguindo os princípios de harmonia, equilíbrio e ordem base do confucionismo e do taoísmo, implicam a necessidade de um tempo de construção e cultivo das relações, levando a que o *guanxi* seja estabelecido e nutrido ao longo do tempo através de uma etiqueta e cerimoniais precisos.⁸²

É importante observar a dimensão coletivista da cultura chinesa. Em sua maioria, defendem o interesse de um grupo de pessoas em vez de priorizar o individual. Esse fator se dá principalmente devido a tradição rural desse povo que aprendeu que o trabalho em equipe rende melhores resultados.

Vale destacar que, em uma sociedade onde se valoriza pouco os contratos e documentado, a palavra da pessoa tem poder. Dessa forma, o conceito de *mianzi*, que pode ser traduzido por “face”, aparece para a Gonçalves como tudo que diz respeito à reputação e confiabilidade do que fala e “significa os alicerces de tudo o que importa na vida tal como status, dinheiro, oportunidades, saúde ou relacionamento.”⁸³

Isso ainda traz uma lógica irracional para o modo de negociar chinês, já que, ao fazerem negócios, tendem a dar preferência para os mais próximos. A aversão ao risco é

82 GONÇALVES, Cecília Mafalda Duarte. **Na Cabeça do Dragão** - Definições, interpretações e práticas de Saúde Mental dos Imigrantes Chineses. Coimbra, Janeiro de 2018. p. 41

83 Ibidem p. 42

vista nas duas culturas abordadas. Não gostam de trocar o certo pelo duvidoso e preferem o previsível. Por isso, ter boa posição nessa rede social e profissional de contatos significa ter a face respeitada, ou seja, manter sua honra e seu status social, sem perder a face.

Entre semelhanças e diferenças, constrói-se uma boa relação, basta o negociador brasileiro saber se posicionar. Além de conhecer ao outro, conhecer também a si mesmo e, claro, evitar gafes. Dadas às condições apresentadas, há possibilidade de planejar um futuro com relações sino-brasileiras mais estreitas.

5. Apontamentos finais e expectativas para o relacionamento

Desde meados de 1970, as negociações sino-brasileiras vêm se estreitando, não só no âmbito do comércio como também de investimentos financeiros da iniciativa privada e estatal. Hoje, só Brasil e China juntos correspondem a 17,4% do PIB mundial. O Indicador de Comércio Exterior (Icomex) divulgado no dia 13 de novembro de 2019 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) coloca a China como principal comprador dos produtos brasileiros (27,8%). O comércio exterior sino-brasileiro supera até mesmo o fluxo de transações com a União Europeia (16,3%).⁸⁴ Sendo assim, os chineses correspondem a 27,8% das exportações brasileiras e 20% das importações, sendo o principal parceiro tanto em compras como em vendas⁸⁵.

De acordo com Cornélio (2019, p.35):

“É neste contexto que a China se insere cada vez mais em instituições multilaterais com países em desenvolvimento, como o BRICS (Brasil; Rússia; Índia; China e África do Sul); a Organização de Cooperação de Xangai e a retomada da Rota da Seda [...] e a fundação de um Banco Internacional Asiático de Infraestrutura (AIIB) para dar suporte a projetos de infraestrutura a nível global e vantagens singulares aos demais atuantes.”⁸⁶

⁸⁴ FGV, IBRE. Indicador de comércio exterior . 2019 Disponível em: <<https://portalibre.fgv.br/data/files/DC/D4/C0/AA/3046E610670AF5E68904CBA8/Boletim%20de%20Comercio%20Exterior-%20Novembro%202019.pdf>> Acesso em: 08 de dez. de 2019

⁸⁵ Brasil negocia acordo de livre-comércio com a China, diz Guedes. Publicado em: 13 de nov. de 2019. **Estadão**. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/guedes-fala-sobre-possibilidade-de-area-de-livre-comercio-com-a-china.70003087943>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

⁸⁶ CORNÉLIO, Rayane Pires. Os desafios geopolíticos da China e sua estratégia financeira em projetos de infraestrutura na Ásia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. Programa de pós-graduação em economia política internacional. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/mestrado/2019/rayane_pires_com%C3%A9lio_7dc87.pdf> Acesso em: 08 de dez. de 2019

Quadro 2: Evolução do PIB da China e do Brasil (1970 – 2019) – Quadro feito pela autora a partir de uma análise de dados fornecidos pelo Ministério das Relações Exteriores

	1970	1980	2000	2011	2019
BRASIL	1,5%	2,3%	1,9%	2,1%	2,4%
CHINA	0,8%	1,0%	3,6%	8,1%	15,0%

Fonte: BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Eduardo Moreira Lima (Organizador) Brasil e China: 40 anos de relações diplomática. Análises e documentos. Fundação Alexandre de Gusmão Brasília – 2016. Disponível em: < <http://funag.gov.br/biblioteca/download/1174-brasil-e-china-40-anos.pdf> > Acesso em: 07 de dez. de 2019

As divergências sino-americanas estão negociando em busca de um acordo comercial. Um lado quer que o outro ceda, mas, também não quer ceder. Ao passo que isso vai ocorrendo, a economia e o crescimento do país vêm desacelerando e impacta diretamente na economia internacional.⁸⁷ É claro que o Brasil não fica de fora desse jogo. A Maersk, uma das maiores empresas armadoras do mundo, revelou recentemente que, apesar de manterem sua margem de lucro, houve uma desaceleração no fluxo de contêineres de 2% para 1,5%;⁸⁸ Isso significa que há menos contêineres a serem importados ou exportados, comprometendo a retomada do comércio exterior brasileiro para os próximos anos. É necessário analisar essa desaceleração com um olhar crítico. Enquanto o PIB do Brasil cresce 1,2% em um ano, a China cresce 6% ao ano.⁸⁹ Ou seja, o gigante precisa ser tratado como tal.

De um lado, o setor da agropecuária, extração mineral e siderurgia compreendem as exportações brasileiras para o gigante que é um dos maiores importadores de commodities do mundo. Por um lado, a proibição de produtos agrícolas norte-americanos nos beneficia. O agronegócio ganha possibilidades de expansão, ainda que sejam exportados a preços maiores devido à depreciação da moeda chinesa.

⁸⁷ Desaceleração da economia chinesa se agrava. Publicado em: 16 de set. de 2019. **Época Negócios**. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/09/desaceleracao-da-economia-chinesa-se-agrava.html>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

⁸⁸ Armadora Maersk alerta para desaceleração da economia. Publicado em: 15 de nov. de 2019. **Valor**. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/11/15/armadora-maersk-alerta-para-desaceleracao-da-economia-global.ghtml>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

⁸⁹ Economia brasileira cresce 0,6% no 3º tri e 1,2% em um ano, diz IBGE. Publicado em: 03 de dez. de 2019. **Uol**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/12/03/pib-terceiro-trimestre-ibge.htm>> Acesso em: 08 de dez. de 2019.

Para além das oportunidades no agronegócio e setor energético, se almeja colher ao menos alguns frutos da Rota da Seda marítima do século XXI e do programa One Belt, One Road. O projeto consiste em um projeto governo chinês para a viabilização de parcerias que possam interconectar ainda mais o gigante asiático ao mercado mundial. De acordo com Fernandes (2018), o projeto estratégico também visa mitigar a diminuir a dependência chinesa em pontos de tensão estratégicos que estão cerca de sua fronteira, por exemplo, no Estreito de Malaca, área controlada pelos Estados Unidos e Cingapura, por onde passam 80% das importações de petróleo para a China⁹⁰.

Assim, aumento do nível de cooperação de forma a aprimorar a infraestrutura de seus parceiros por interesses diversos, através de financiamento ou mesmo da internacionalização do processo de produção. A ideia é gerar valor compartilhado, gerando benefícios não só para o próprio país investidor como também para as nações parceiras envolvidas, seja em uma cooperação para incremento de infraestrutura como rodovias, ferrovias, portos secos, ou mesmo transferência de tecnologia, auxiliando em inovação. Infelizmente, a China ainda não mediu grandes esforços para inserir o Brasil na pauta de expansão ultramarina.⁹¹ O máximo que ocorreu foi uma reunião em Rondônia que contou com representantes dos dois países para a discussão do projeto da Ferrovia Transoceânica.⁹²

A importação de manufaturas chinesas representa uma real ameaça à indústria nacional, pois entram com um preço extremamente baixo e competitivo no mercado brasileiro. A somar, a desvalorização da moeda expõe ainda mais os produtos brasileiros à concorrência. Existe uma necessidade de desenvolvimento e estruturação da indústria nacional como forma de aprimorar as negociações exteriores.

Para a autora:

90 FERNANDES, Felipe Gusmão Carioni. Geopolítica e Geoeconomia do Mar do Sul da China: As disputas do gigante asiático pelo domínio de espaços marítimos estratégicos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/2018/defesa_pepi/mestrado/felipe_gusm%C3%A3o_carioni_fernandes_4da84.pdf> Acesso em: 08 de dez. de 2019

91 SANG, Beibei. Geoestratégia da China e a Nova Rota da Seda: uma análise a partir dos documentos oficiais chineses e seus desdobramentos para o Brasil. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São Paulo. 2019. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/mestrado/2019/rayane_pires_com%C3%A9lio_7dc87.pdf> Acesso em: 08 de dez. de 2019

“o que parece ser um problema é o fato de o país concentrar seus esforços de exportação somente em bens primários em larga escala, numa economia pautada pelo curto prazo, sem se importar com a economia também centrada em produtos de maior valor agregado, o que é um problema histórico no Brasil, a necessidade em todos os momentos da história do país de um impulso maior para o desenvolvimento e a diversificação de uma linha própria de produção industrial.” (p. 85)

É preciso se modernizar e se diversificar para atender um mercado que está cada vez mais consciente. Se não seguirmos a mesma tendência continuaremos mantendo o perfil exportador de commodities e acabaremos vendendo soja para sempre. 93

6. Conclusão

Partindo das premissas apresentadas no decorrer desse trabalho, o empresário brasileiro que está determinado em aproveitar o momento propício de desenvolvimento estratégico desse parceiro tão distante e quer firmar um negócio de sucesso precisa ter muita atenção aos detalhes que o negociador chinês julga importantes durante as etapas desse processo. É necessário um reposicionamento cultural de forma antecipar situações onde se busca o êxito como desfecho do processo de negociação.

Em um momento de anseios e perspectivas do relacionamento sino-brasileiro em meio ao conflito apresentado veio à tona a possibilidade de um acordo de livre comércio com a China surgiu em meio à cúpula dos BRICS94, em novembro de 2019. A notícia abalou o setor industrial, causando repercussão. Esse acordo causaria um desequilíbrio na balança comercial, reduzindo o superávit comercial do Brasil, pois seria difícil competir.

Em um ambiente de instabilidade política, financeira e crise que surgiu um modelo político brasileiro anti-China e pró Estados Unidos. Mas, a notar as visitas que dirigentes políticos sino-brasileiros fizeram uns aos outros durante o ano de 2019, já perceberam que esse não é o posicionamento a ser tomado, pois os extremos são maus. Nem ying, nem yang. Do contrário, o Brasil perderá a chance de transformar uma brecha em uma grande oportunidade.

93 Ling Wang, chinesa de Taiwan, palestrante em curso “Comércio e operações internacionais na China: Quais são as oportunidades para as empresas brasileiras?” O curso foi oferecido pela Firjan em parceria com a Funcex e assistido pela autora em novembro de 2019. Contribuiu de forma espetacular para encerrar o raciocínio da pesquisa realizada para esse trabalho.

94 Acordo de livre comércio com a China sepultaria a indústria brasileira, diz Belluzzo. Rede Brasil Atual. Publicado em: 12 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2019/11/acordo-de-livre-comercio-com-a-china-sepultaria-a-industria-brasileira-diz-belluzzo/>> Acesso em: 08 de dez. de 2019.

Referências Bibliográficas

Acordo de livre comércio com a China sepultaria a indústria brasileira, diz Belluzzo. Rede Brasil Atual. Publicado em: 12 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2019/11/acordo-de-livre-comercio-com-a-china-sepultaria-a-industria-brasileira-diz-belluzzo/>> Acesso em: 08 de dez. de 2019.

AGÊNCIA BRASIL. EUA aumentam impostos sobre importações chinesas; Pequim retalia. Publicado em: 01 de set. de 2019. Disponível em: <<https://canalrural.uol.com.br/noticias/eua-aumentam-impostos-sobre-importacoes-chinesas-pequim-retalia/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

AMORIM DE ANGELO, Vitor. Política do café-com-leite – Acordo marcou a República Velha. História do Brasil, UOL Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/politica-do-cafe-com-leite-acordo-marcou-a-republica-velha.htm>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

Armadora Maersk alerta para desaceleração da economia. Publicado em: 15 de nov. de 2019. **Valor**. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/11/15/armadora-maersk-alerta-para-desaceleracao-da-economia-global.ghtml>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

ARBIX, Glauco; MIRANDA, Zil; TOLEDO, Demétrio; ZANCUL, Eduardo. **Made in China 2025 e Indústria 4.0**, A difícil transição chinesa do catching up à economia puxada pela inovação. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v.30, n.3 p. 143-170.

BARBOSA, Fernando Honorato. Juros devem cair abaixo de 5% até o final do ano. Cenário Econômico. Bradesco. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Publicado em 06 de set. de 2019. Disponível em: <https://www.economiaemdia.com.br/BradescoEconomiaEmDia/static_files/pdf/pt/publicacoes/cenario_economico/Cenario_economico_set-19.pdf> Acesso em: 05 de dez. de 2019

BARBOSA, Mateus Ricardo Silva. I Plano Quinquenal e a ascensão da indústria na China. **Caravana 25 anos da ANPUH Pernambuco**: diálogos entre a pesquisa e o ensino. 02 a 05 de dezembro de 2015. Recife/PE. Disponível em: <http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1461882313_ARQUIVO_01.BARBOSA,MateusRicardo.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019

BECARD, Danielly Ramos O QUE ESPERAR DAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA? **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011

BRANDÃO, Luciane Globbo; ANTUNES, Evelyn Santos. O OBSTÁCULO CULTURAL NAS NEGOCIAÇÕES BRASILEIRAS COM OS CHINESES Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/cccg/article/view/8238/4624>> Acesso em: 05 de dez. de 2019.

BRASIL. Decreto- Lei nº 63, de 21 de novembro de 1966. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0063.htm> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

BRASIL. Divisão de Geração de Imagens. Coordenação Geral de Observação da Terra.

CBERS- China- Brazil Earth Resources Satellite ou Satélite Sino Brasileiro de Recursos Terrestres. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/documentacao/satelites/cbers>> Acesso em: 05 e dez. de 2019

BRASIL. IPEA. Anos 1980, década perdida ou ganha? Publicado em 15 de jun. de 2012. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2759:catid=28&Itemid=23> Acesso em 05 de dez. de 2019

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Inteligência Comercial. Como Exportar: China / Ministério das Relações Exteriores. Brasília: MRE, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pequim/pt-br/file/CEXChina-2017-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Eduardo Moreira Lima (Organizador) Brasil e China: 40 anos de relações diplomática. Análises e documentos. Fundação Alexandre de Gusmão Brasília – 2016. Disponível em: < <http://funag.gov.br/biblioteca/download/1174-brasil-e-china-40-anos.pdf> > Acesso em: 07 de dez. de 2019

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. República Popular da China. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4926-republica-popular-da-china>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

BRICS. O que é o Brics. Disponível em: <<http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

BORAK, Donna. Trump administration labels China a currency manipulator. CNN. Publicado em 05 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/08/05/business/china-currency-manipulator-donald-trump/index.html>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

CARAMURU DE PAIVA, Marcos; LINS, Clarissa; FERREIRA, Guilherme. **BRASIL CHINA O ESTADO DA RELAÇÃO, BELT AND ROAD E LIÇÕES PARA O FUTURO**. Centro Brasileiro de Relações Internacionais. Disponível em: <[http://midias.cebri.org/arquivo/Paper_Brasil-China_Port_DIGITAL_28ago%20\(2\).pdf](http://midias.cebri.org/arquivo/Paper_Brasil-China_Port_DIGITAL_28ago%20(2).pdf)> Acesso em: 2 de dezembro de 2019.

CARIELLO, Tulio. **INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL 2018**: O quadro brasileiro em perspectiva global. Conselho Empresarial Brasil-China. Disponível em: < <https://ecoa.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Investimentos-chineses-no-Brasil-2018.pdf> > Acesso em: 27 de out. de 2019.

CARVALHO, Monique Fernandes Pereira; AZEVEDO, André Filipe Zago de; MASSUQUETTI, Angélica. O BRASIL NO CONTEXTO DA GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA. **ANPECSUL 2019** Economia Internacional (Área 5) Disponível em: < https://www.anpec.org.br/sul/2019/submissao/files_I/i5-0835cda12a9792564cef6a42fd641bda.pdf > Acesso em: 04 de dez. de 2019.

CASA BRANCA. GABINETE DO SECRETÁRIO DE IMPRENSA. Presidente Trump aprova seção 232 de modificações tarifárias. Publicado em: 23 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/pt/presidente-trump-aprova-secao-232-de-modificacoes-tarifarias/>> Acesso em: 04 de dezembro de 2019.

Consertando as leis americanas da bolsa de valores. Publicado em 22 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/trade/report/fixing-americas-broken-trade-laws-section-232-the-trade-expansion-act-1962>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

CORNÉLIO, Rayane Pires. Os desafios geopolíticos da China e sua estratégia financeira em projetos de infraestrutura na Ásia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. Programa de pós-graduação em economia política internacional. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/mestrado/2019/rayane_pires_corn%C3%A9lio_7dc87.pdf> Acesso em: 08 de dez. de 2019

CUNHA, André Moreira. Dossiê China: Desenvolvimento econômico e segurança internacional. A China e o Brasil na nova ordem internacional. **Revista de Sociologia e Política** v. 19 nº suplementar 9-29. Nov. de 2011.

Das 30 cidades mais populosas do mundo, 8 são chinesas. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_cidades_mais_populosas_do_mundo> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

Desaceleração da economia chinesa se agrava. Publicado em: 16 de set. de 2019. **Época Negócios**. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/09/desaceleracao-da-economia-chinesa-se-agrava.html>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

Discurso de João Goulart aos chineses em 1961. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FyMf01RIu0>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

DINIZ ALVES, José Eustáquio. O fim do século americano? Publicado em APARTE (<http://www.ie.ufrj.br/aparte/> em 10/08/2011). Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/art_96_o_fim_do_seculo_americano.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019

Economia brasileira cresce 0,6% no 3º tri e 1,2% em um ano, diz IBGE. Publicado em: 03 de dez. de 2019. **Uol**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/12/03/pib-terceiro-trimestre-ibge.htm>> Acesso em: 08 de dez. de 2019.

Embaixada da República Popular da China no Brasil. Disponível em: <<http://br.china-embassy.org/por/zbqx/>> Acesso em: 08 de dez. de 2019

Exchange stabilization Fund. Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Exchange_Stabilization_Fund> Acesso em: 05 de dez. de 2019

FARAH JÚNIOR, Moisés Francisco. A Terceira Revolução Industrial e o Novo Paradigma Produtivo: Algumas Considerações sobre o Desenvolvimento Industrial Brasileiro nos Anos 90. **Revista da FAE**, Curitiba, v.3, n.2, maio/ago. 2000.

FERNANDES, Felipe Gusmão Carioni. Geopolítica e Geoeconomia do Mar do Sul da China: As disputas do gigante asiático pelo domínio de espaços marítimos estratégicos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/2018/defesa_pepi/mestrado/felipe_gusm%C3%A3o_carioni_fernandes_4da84.pdf> Acesso em: 08 de dez. de 2019

FERREIRA LEÃO, Rodrigo Pimentel. A Gestão da Política Cambial Chinesa: As Lições do Período da Crise Financeira de 2008 Número 4 Out./Dez. 2010 **Boletim de Economia e Política Internacional** Deint 32 Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4703/1/BEPI_n4_gestao.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019

FGV, IBRE. Indicador de comércio exterior . 2019 Disponível em: <<https://portalibre.fgv.br/data/files/DC/D4/C0/AA/3046E610670AF5E68904CBA8/Boletim%20de%20Comrcio%20Exterior-%20Novembro%202019.pdf>> Acesso em: 08 de dez. de 2019

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; SALOMÃO, Ivan Colangelo. O sentido histórico do desenvolvimentismo e sua atualidade **Rev. Econ. Contemp.**, núm. esp., 2017: e172125, p. 1-20 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rec/v21n2/1415-9848-rec-21-02-e172125.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

GALBRAITH, Andrew; ZHOU, Winni. China deixa yuan romper marca de 7 por dólar pela 1ª vez na década com escalada em tensão comercial. Publicado em: 05 de ago. de 2019. Reuters, via UOL. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/08/05/china-deixa-yuan-romper-marca-de-7-por-dolar-pela-1-vez-na-decada-com-escalada-em-tensao-comercial.htm>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

GAZZONI, Marina; TREVIZAN, Karina; ALVARENGA, Darlan. EUA impõem sobretaxa de 25% ao aço importado e 10% ao alumínio. Publicado em 08 de mar. de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/economia/noticia/eua-impolem-sobretaxa-de-25-ao-aço-importado-e-10-ao-aluminio.ghtml>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

GLOBALIZATION AND THE URBAN SYSTEM IN. **United Nations University** Disponível em: <<http://archive.unu.edu/unupress/unupbooks/uu11ee/uu11ee0p.htm#introduction>> acesso em 20 de out. de 2019.

GOMES FERNANDES, Maria Fernanda. Negociação Brasil e China: seus principais aspectos culturais. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3982/mfernanda.pdf>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

GONÇALVES, Cecília Mafalda Duarte. **Na Cabeça do Dragão** - Definições, interpretações e práticas de Saúde Mental dos Imigrantes Chineses. Coimbra, Janeiro de 2018

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . 6 ed . São Paulo: Loyola, 1996.

HOLANDA, S. B. (2001), **Raízes do Brasil**. 26.ª ed., Companhia das Letras, São Paulo.

KOCHER, Bernardo. A “Doutrina Trump” e a guerra comercial global. **Jornal dos Economistas**, N°350 Outubro de 2018 p.3-4. Disponível em: <<https://www.corecon-rj.org.br/anexos/E8C645326A2DA3F5638B4D07357FBBCA.pdf>> Acesso em 04 de dez. de 2019

LEWIS, Richard Donald.**When Cultures Collide: LEADING ACROSS CULTURES**. Nicholas Brealey International, 2006.

MAIA, Andréa Casa Nova. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 49, p.217-245, jan/abr 2013 Representações da crise de 1929 na imprensa brasileira relações entre história, mídia e cultura Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752013000100011> Acesso em: 04 de dez. de 2019

MAIA, Fernanda; MACHADO, João; SANTANA, Pedro. **Desaceleração econômica da China**: Uma análise de causas e impactos. UFRJ. Disponível em:

<http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/250620155200_5_Desacelerac807a771oEconomicadaChina.pdf> Acesso em: 04 de dez. de 2019

Milagre Econômico Brasileiro. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Milagre_econ%C3%B4mico_brasileiro> Acesso em: 05 de dez. de 2019

MILARÉ, Luís Felipe Lopes; DIEGUES, Antônio Carlos. Construções da Era Mao Tsé-Tung para a Industrialização Chinesa. **Rev. Econ. Contemp.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, mai-ago/2012.

MOLIN, Elisiane Dondé Dal; CASTELLI, Yasmin Lenz Piccoli; NADAL, Castelli2 Emanuelle De. O papel dos BRICS nas relações diplomáticas entre Brasil e China. DOI 10.20396/ideias.v10i0.8656201 *Idéias*, Campinas, SP, v.10, 1-19, e019007, 2019 Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8656201/21094>>

Acesso em: 06 de dez. de 2019.

MORAES, Antônio Luiz Machado de. **Liberação econômica da China e sua importância para as exportações do agronegócio brasileiro**. Embrapa, Brasília, 2004.

Negócios Chineses, EUA e Europa. Publicado em 27 de mar. de 2017. Disponível em: <<https://www.chinabusinessreview.com/chinese-investment-tripled-in-us-in-2016-doubled-in-europe/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

Negócios Chineses, tabelas. Disponível em: <<http://www.chinabusinessreview.com/wp-content/uploads/2017/03/chinese-fdi.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

NEVES SILVA, Daniel. Era Vargas: Governo provisório (1930-1934). *História do Mundo*. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/era-vargas-governo-provisorio-1930-1934.htm>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118) abril-junho/2010 *Revista de Economia Política* 30 (2), 2010 p. 201-218

O que é Dumping. Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dumping>> Acesso em: de 04 dez. de 2019

OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. Reformas econômicas na China. **Economia Política Internacional**: análise estratégica, Campinas, n. 5, abr./jun., p. 3-8, 2005.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica **Rev. Bras. Polít. Int.** 47 (1): 7-30 [2004], p.18, (grifos nosso)

PAIVA, Márcia Perez de Vilhena; INOCENTE, Nancy Julieta; OLIVEIRA, Adriana Leonidas. Gestão intercultural: a importância das habilidades sociais e interculturais no contato entre profissionais de diferentes culturas. VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão. ISSN 1984-9354 Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T12_0494_2690.pdf> Acesso em: 07 de dez. de 2019

POLITIZE!. BRICS: o que você precisa saber sobre esse mecanismo de cooperação?. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/brics-o-que-voce-precisa-saber/>> Acesso em: 05 de dezembro de 2019

QUARESMA, Henry Uliano. A Arte de Negociar com Chineses. Disponível em: <<http://www.brazilexportmagazine.com.br/novosite/a-arte-de-negociar-com-chineses/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

QUEIROZ GUIMARÃES, Alexandre. **A Economia Política do Modelo Econômico Chinês**: O Estado, o mercado e os principais desafios. Revista de Sociologia e Política, Curitiba v. 20, n. 44, nov. 2012, p. 105

REUTERS. EUA vão impor tarifa extra de 10% a US\$ 300 bilhões em produtos da China. Publicado em: 01 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/eua-vao-impor-tarifa-extra-de-10-us-300-bilhoes-em-produtos-da-china-1-23848063>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

RIBEIRO, Fernando J. O aumento das tarifas norte-americanas de importações de aço e alumínio e seus impactos sobre o Brasil e o mundo. **IPEA**, Nota Técnica nº12, 2018 p.4

ROLDO, Mayara; MULLER, Vera Denise. Estratégias para conduzir eficientemente uma negociação entre Brasil e China. Disponível em: <<https://www.marketingviewer.com.br/estrategias-para-conduzir-eficientemente-uma-negociacao-entre-brasil-e-china/4182/>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

SANG. Beibei. Geoestratégia da China e a Nova Rota da Seda: uma análise a partir dos documentos oficiais chineses e seus desdobramentos para o Brasil. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São Paulo. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/183640/sang_b_me_mar.pdf?sequenc e=3&isAllowed=y> Acesso em: 08 de dez. de 2019

SCHIAVINIA, Janaina Mortari; SCHERERB, Flavia Luciane; CORONELC Daniel Arruda. Entendendo o guanxi e sua influência nas relações internacionais. Rev. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 316-332, mai-ago/2012 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rec/v16n2/a07v16n2.pdf>> Acesso em: 07 de dez. de 2019

Tarifas agrícolas europeias: uma contribuição para sua interpretação Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/167.pdf>> Acesso em: 04 de dez. de 2019.

SANTOS, Ariane Costa. O Realismo Periférico e o Institucionalismo Pragmático: Diferentes Posicionamentos de Argentina e Brasil nos anos noventa. Disponível em: <<http://www.congresoalacip2017.org/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJRF9BUiFVSzZlIjtzOjQ6IjE0ODIiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMjE4MmYwMzE4MjkxZDUyOGIzYWQxMzA4NzU5MDNjM2QiO30%3D>> Acesso em: 06 de dez. de 2019

SOBRAL, Filipe; CARVALHAL, Eugênio; ALMEIDA, Filipe. O estilo brasileiro de negociar. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpbg/v11n2-3/v11n2-3a08.pdf>> Acesso em: 07 de dez. de 2019.

The World Bank. Perspectivas econômicas globais: riscos elevados, investimentos moderados. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

TORORADAR. The Fed- O Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos. Disponível em: <<https://www.tororadar.com.br/investimento/bovespa/the-fed-federal-reserve-system>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

TRUMP, Donald. Tweet no Twiter no dia 18 de set. de 2019. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1174388901806362624?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1174388901806362624&ref_url=http%3A%2F%2Fagenciabrasil.ebc.com.br%2Finternacional%2Fnoticia%2F2019-09%2Fbanco-central-dos-eua-reduz-taxa-de-juros-norte-americana> Acesso em: 05 de dez. de 2019

VAN DER LAAN, Cesar Rodrigues; CUNHA, André Moreira; FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Os pilares institucionais da política cambial e a industrialização nos anos 1930. **Rev. Econ. Polit.** vol.32 no.4 São Paulo Oct./Dec. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/rep/v32n4/04.pdf>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

VELOSO, Fernando; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fábio. **Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973): Uma Análise Empírica*** RBE Rio de Janeiro v. 62 n. 2 / p. 221–246 Abr-Jun 2008 apud Hermann (2005, Tabela 3.2) e apêndice estatístico em Giambiagi et alii (2005). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbe/v62n2/06.pdf>> Acesso em: 29 de nov. de 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. O fim do mundo como concebemos: ciência social para o século XII. Tradução: Renato Aguiar. Revan, Rio de janeiro, 2002.

WAWRZENIAK, Diego. O que é Swap e como funciona? Publicado em 20 de fev. de 2014. Disponível em: <<https://www.bussoladoinvestidor.com.br/o-que-e-swap/>> Acesso em: 04 de dez. de 2019

WESTIN, Ricardo. No fim do império, Brasil tentou substituir escravo negro por “semiescravo” chinês. Arquivo do Senado. Publicado em 02 de set. de 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/no-fim-do-imperio-brasil-tentou-substituir-escravo-negro-por-201csemiescravo201d-chines>> Acesso em: 05 de dez. de 2019

WORLD URBANIZATION PROSPECTS 2018. **United Nations, Department of Economic and Social Affairs**, Population Division (2018). World Urbanization Prospects: The 2018 Revision. Disponível em: <<https://population.un.org/wup/Country-Profiles/>> Acesso em 15 de out. de 2019.